



14.º WORKSHOP APDR

EMPREENDEDORISMO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

9 outubro 2012

Escola Superior
de Ciências
Empresariais

INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL

ATAS *Proceedings*

ISBN 978-989-96353-4-0

COMISSÃO ORGANIZADORA

Elisabete Martins (APDR); Joaquim Silva Ribeiro (ESCE, Instituto Politécnico de Setúbal); José Rebelo (ESCE, Instituto Politécnico de Setúbal); Luísa Carvalho (ESCE, Instituto Politécnico de Setúbal); Maria Teresa Costa (ESCE, Instituto Politécnico de Setúbal); Pedro Dominginhos (ESCE, Instituto Politécnico de Setúbal); Pedro Mares (ESCE, Instituto Politécnico de Setúbal); Raquel Pereira (ESCE, Instituto Politécnico de Setúbal); Sandra Nunes (ESCE, Instituto Politécnico de Setúbal); Tomaz Dentinho (Universidade dos Açores).

COMISSÃO CIENTÍFICA

Alfonso Vargas Sanchez (Universidade de Huelva, Espanha); Antonio Juan Briones Peñalver (Faculdade de Ciências da Empresa, Universidade Politécnica de Cartagena, Espanha); Conceição Rego (Universidade de Évora, Portugal); João Ferreira (Universidade da Beira Interior, Portugal); José António Santos (Escola Superior de Hotelaria e Turismo, Universidade do Algarve, Portugal); José Rebelo (Escola Superior de Ciências Empresariais, Instituto Politécnico de Setúbal, Portugal); Luísa Carvalho (Escola Superior de Ciências Empresariais, Instituto Politécnico de Setúbal, Portugal); M. Isabel Sanchez-Hernandez (Universidade da Estremadura, Espanha); Mário Raposo (Universidade da Beira Interior, Portugal); Pedro Dominginhos (Escola Superior de Ciências Empresariais, Instituto Politécnico de Setúbal, Portugal); Rui Baleiras (Universidade do Minho, Portugal); Simone Galina (Faculdade de Economia e Administração, Universidade de São Paulo, Brasil); Soumodip Sarkar (Universidade de Évora, Portugal); Teresa Costa (Escola Superior de Ciências Empresariais, Instituto Politécnico de Setúbal, Portugal); Tomaz Dentinho (Universidade dos Açores, Portugal).

INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL

ESCE - Escola Superior de Ciências Empresariais
Campus do IPS – Estefanilha
2914-503 Setúbal
Portugal

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL (APDR)

Universidade dos Açores
Rua Capitão João D'Ávila
9700-042 Angra do Heroísmo
Terceira, Açores, Portugal



ÍNDICE

Sessão A	5
EMPREENDEDORISMO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL: O CASO “DNA CASCAIS”	6
O SI-INOVAÇÃO COMO OPORTUNIDADE DE FINANCIAMENTO DE PROJECTOS DE EMPREENDEDORISMO.	19
EMPREENDEDORISMO EM TERRITÓRIOS DE BAIXA DENSIDADE POPULACIONAL – O CASO PARTICULAR DO PROJETO WINNET 8	32
EL FOMENTO DEL EMPRENDIMIENTO DESDE LAS POLÍTICAS PÚBLICAS: EL CASO DE LA COMUNIDAD AUTÓNOMA EXTREMEÑA.....	45
PROMOÇÃO DO EMPREENDEDORISMO E DESENVOLVIMENTO LOCAL; POLÍTICAS PÚBLICAS DE PROMOÇÃO DE EMPREENDEDORISMO – CASO PRÁTICO.....	56
DA RESPONSABILIDADE SOCIAL AO EMPREENDEDORISMO: O CASO DO MUSEU DO MARCENEIRO	62
Sessão B	74
PROFESSORS WITH ENTERPRISING INITIATIVE	75
CARACTERÍSTICAS EMPREENDEDORAS DOS TÉCNICOS DE DIAGNÓSTICO E TERAPÊUTICA DOS HOSPITAIS DOS AÇORES	83
EMPREENDEDORISMO EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO DE CASO	98
TECHNOLOGY TRANSFER AND ENTREPRENEURSHIP SUPPORT AT THE ALGARVE – THE CASE OF CRIA.....	107
PROGRAMA ESTRATÉGICO INOV•C – O ECOSISTEMA DE INOVAÇÃO DA REGIÃO CENTRO114 A INOVAÇÃO EM TIC NO SISTEMA EDUCATIVO - ANÁLISE DO PORTÁTIL MAGALHÃES	123
Sessão C	143
PROJETO MARIAS – REFLEXÃO E ANÁLISE SOBRE OS PRESSUPOSTOS DE PLANEAMENTO E AVALIAÇÃO.....	144
CASO DE ESTUDO ESCOLINHA DE RUGBY DA GALIZA - CRESCIMENTO DE UMA INICIATIVA DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL.....	158
EMPREENDEDORISMO SOCIAL EM PORTUGAL – O CASO DA BOLSA DE VALORES SOCIAIS.	172
O EMPREENDEDORISMO SOCIAL COMO PROMOTOR DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL: O CASO DO MICROCRÉDITO	182
UN SUEÑO, UNA REALIDAD. EL EMPRENDIMIENTO SOCIAL DEL SANTA TERESA CLUB DEPORTIVO.....	198
LA CREACIÓN DE VALOR COMO RECOMPENSA A LA CAPACIDAD EMPREENDEDORA EN LA REGIÓN DE EXTREMADURA. EL CASO DE GRANJA EL CRUCE	208
CÓMO COMPETIR CON GRANDES MULTINACIONALES DESDE UN ENTORNO RURAL: EL CASO DE INQUIBA	218

Sessão D	228
EMPREENDEDORISMO E COMPATIBILIDADE RELACIONAL: O CASO AQUAPURA NO CONTEXTO DA REGIÃO DO DOURO	229
EMPREENDEDORISMO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL – O CASO DO PORTO DE SINES..	237
A CRIAÇÃO DE VALOR NO SECTOR EMPRESARIAL DO DISTRITO DE SETÚBAL: UM CONTRIBUTO PARA O EMPREENDEDOR	246
EMPREENDEDORISMO, SUSTENTABILIDADE E VIABILIDADE NAS EMPRESAS VITIVINÍCOLAS	261
PROFILING DAS EMPRESAS ALGARVIAS: A DEMOGRAFIA EMPRESARIAL, A SOBREVIVÊNCIA E O ENCERRAMENTO	275
Sessão E	298
PONTO ÓPTIMO CONSULTORES - INOVAÇÃO E SUCESSO NA REGIÃO DO BAIXO ALENTEJO	299
INOVAÇÃO NO SERVIÇO DE COURRIER: VIA DE APROXIMAÇÃO AOS PALOP	311
EMPREENDEDORISMO NO SECTOR PRIMÁRIO: CASO ESTUDO DA INCUBADORA DE EMPRESAS DE BASE RURAL DE IDANHA-A-NOVA	322
A CONTRIBUIÇÃO DO BUSINESS NETWORK INTERNATIONAL (BNI) PARA A DINAMIZAÇÃO DOS NEGÓCIOS NAS EMPRESAS.....	333
APROSUBA: INNOVACIÓN SOCIAL EN LA ATENCIÓN A LA DISCAPACIDAD EN ESPAÑA.	344
INSIGHTS ON THE MOTIVATING FORCES BEHIND THE EXPERIENCES OF SOCIAL ENTREPRENEURSHIP IN THE REGION OF EXTREMADURA (SPAIN)	353
Sessão F	358
COOPERACIÓN EMPRESARIAL EN RED E INTEGRACIÓN PRODUCTIVA	359
REGIONAL DEVELOPMENT, EFFICIENCY AND PRODUCTIVITY IN HOTEL INDUSTRY	367
CONTRIBUTOS DA INOVAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL E REGIONAL: PROGRAMA ESTRATÉGICO INOV•C.....	374
SISTEMA DE BOLSAS DE IGNIÇÃO - INOV C.....	382
INTER-RELAÇÃO EMPREENDEDORISMO E LITERACIA FINANCEIRA – CONTRIBUTOS PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL.....	391
FORMACIÓN DE LA ESTRATEGIA EN UNA EMPRESA PÚBLICA LOCAL: EL CASO DE GIAHSA.	402

PROFILING DAS EMPRESAS ALGARVIAS: A DEMOGRAFIA EMPRESARIAL, A SOBREVIVÊNCIA E O ENCERRAMENTO

Elsa de Morais Sarmento, esarmento@ua.pt, Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial, Universidade de Aveiro

Alcina Nunes, alcina@ipb.pt, GEMF, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Escola Superior de Tecnologia e de Gestão do Instituto Politécnico de Bragança

Resumo: Este estudo de caso descreve a dinâmica empresarial de empresas empregadoras na região NUT II do Algarve, ao longo do período 1985-2007. A partir da dimensão regional, são desagregadas outras dimensões relativas à dimensão empresarial, emprego, probabilidade de sobrevivência, e o subconjunto de empresas formado pelas designadas “empresas de elevado crescimento” e “gazelas”. O Algarve é, a partir de 2000, a região com a maior taxa de criação de empresas empregadoras do país. Também é a região com o mais elevado crescimento da população de empresas e a segunda com maior densidade empresarial. Apresenta no entanto, uma elevada turbulência empresarial que se deve fundamentalmente ao peso das PME, que é o mais elevado do país. Apesar do aumento do número de empresas de elevado crescimento e da sua força de trabalho, a região perde relevância no contexto nacional. Em 1990, o emprego nas empresas de elevado crescimento era o mais elevado de todas as regiões portuguesas, mas sofreu a maior quebra regional, para cerca de metade. A dimensão média empresarial cai substancialmente na região, afetando também empresas gazelas, que em 15 anos perdem em média 17 trabalhadores, e as empresas de elevado crescimento, que perdem 11 trabalhadores em 17 anos. No Algarve, 50% das empresas morre entre os 5 e os 6 anos e vida. Após 18 anos, apenas 24% das empresas se mantém em atividade. A performance comparativa de sobrevivência das empresas algarvias, não sendo tão boa como a da região Centro, não apresenta os problemas de outras regiões, mais afetadas por reestruturações ligadas ao setor industrial.

Palavras-chave: Empreendedorismo, dinâmica empresarial, sobrevivência, empresas de elevado crescimento, Algarve

Abstract: This case study describes the dynamics of employer enterprises in the NUT II region of Algarve, over the period 1985-2007. Departing from the regional dimension, we disaggregate other dimensions such as firm size, employment, survival, and the subset of companies formed by the designated high-growth companies and gazelles. Since 2000, the Algarve is the region with the highest rate of business creation in the country. It is also the region with the highest growth of employer enterprises and the second with the highest business density. However, it suffers from considerable firm turbulence due fundamentally to the high proportion of SMEs, the highest in the country. Despite the increasing number of high-growth companies and its employees, the region loses relevance in the national context. In 1990, employment in high-growth companies was the highest of all Portuguese regions, but suffered the largest regional fall to about half. The average firm size also drops substantially in the region, affecting gazelles, which lose an average of 17 workers in 15 years, but also high-growth companies, which lose 11 workers in 17 years. In the Algarve, 50% of companies shut down between their fifth and sixth year of activity. After 18 years, only 24% of companies remain in business. Algarve does not perform so well as NUT II region Centro, but does not present the firm survival problems of other regions, more affected by restructuring in the industrial sector.

Keywords: Entrepreneurship, firm dynamics, survival, high-growth firms, Algarve

1. Introdução

O estudo do empreendedorismo, em geral, e da demografia e dinâmica empresarial em particular, tem suscitado um interesse crescente, multiplicando-se os estudos empíricos que se debruçam sobre o fenómeno. Este deve-se não só ao desenvolvimento de conceitos harmonizados (Ahmad & Seymor, 2008; Ahmad, 2006, por exemplo), como sobretudo ao crescente acesso a bases de dados longitudinais e ao desenvolvimento de técnicas de análise estatística que permitem um melhor e mais aprofundado tratamento da informação disponível. Aeste acresce um interesse por parte das instituições públicas, relativas às questões do empreendedorismo e do seu entrosamento com o crescimento e desenvolvimento económico a nível regional (Sternberg, 2012; Sarmiento & Nunes, 2011; Nunes & Sarmiento, 2010; Brixy & Grotz 2007; Armington & Acs, 2002). A análise do fenómeno do empreendedorismo e da dinâmica empresarial tem, na última década e de uma forma cada vez mais veemente, vindo a ser aliada a processos de implementação de políticas de desenvolvimento económico regional e local um pouco por todo o mundo desenvolvido (Sternberg, 2012; Trettin & Welter, 2011; Malecki, 2009) e em desenvolvimento (Naudé et al., 2008).

Reconhece-se que são de diversa índole os fatores regionais determinantes da atividade empreendedora (Sternberg, 2009; Santarelli & Vivarelli, 2007; Acs & Storey, 2004). Apesar do estudo da dinâmica empresarial se concentrar tradicionalmente nos aspetos de criação de novas empresas, em detrimento de aspetos relacionados com a sobrevivência e encerramento de empresas (Nyström, 2007), são já diversos os estudos que se debruçam sobre nestes últimos aspetos, relacionando-os com o tipo de atividade das empresas e com a sua localização geográfica (Carree et al., 2011). Kibler (2012) identifica vários estudos em que condições regionais, como o enquadramento económico e as características sócio demográficas locais, se tornam (co)determinantes da estrutura, recursos, capacidades e interesses suscetíveis de afetar o comportamento empreendedor, determinante último na criação de empresas. A proximidade de fontes de conhecimento, inovação e de capital humano qualificado é um outro aspeto fundamental na análise de diferenças regionais de um processo de criação de empresas (Batista & Mendonça, 2010). Apesar de este continuar a ser um assunto amplamente debatido, a literatura na área vem salientando que a atividade empreendedora apresenta especificidades próprias inerentes ao espaço geográfico onde se insere. No entanto, é reconhecido que os efeitos benéficos do empreendedorismo se tornam particularmente visíveis quando analisados sob a perspetiva regional (Santarelli & Vivarelli, 2007), em particular, no que diz respeito às diferentes dotações regionais de fatores produtivos, capacidades de proliferação de conhecimento, com efeitos designadamente na produtividade e emprego (Audretsch et al., 2008; Audretsch, 2007).

A investigação dedicada à dinâmica empresarial pós-criação de empresas é mais recente e parca, sendo os estudos realizados numa perspetiva regional ainda mais escassos. A maior acessibilidade a dados estatísticos individuais, num formato longitudinal e desagregados regionalmente, é uma das razões fundamentais que explica o seu aparecimento e desenvolvimento recentes (Brixy & Grotz, 2007). Outra das razões para este desenvolvimento parece ser a tomada de consciência que uma análise regional da dinâmica empresarial pós-criação de empresas, através do acompanhamento do seu ciclo de crescimento, sobrevivência e encerramento, permite melhor identificar as oportunidades e ameaças que as empresas enfrentam no seu ambiente de proximidade. Carree et al. (2011), chamam a atenção para o facto de a sobrevivência das empresas poder ser mais elevada em regiões próximas dos (potenciais) clientes e fornecedores, mas também em regiões com maior crescimento económico e considerável capacidade de inovação e inclusivamente onde a concorrência numa determinada indústria não é tão forte. Efetivamente, a estrutura industrial de uma região tem-se mostrado determinante na explicação de diferenças regionais entre as taxas de criação e encerramento de empresas (Nyström, 2007; Armington & Acs, 2002). Todas estas hipóteses têm sido alvo de escrutínio empírico, de forma a conhecer esta realidade empresarial mas

também como forma de apresentar *guidelines* para a atuação da política regional. Brixy e Grotz (2007) realçam que uma política regional estrutural deve focar-se não apenas em encorajar a criação de empresas mas, igualmente em assegurar a sua permanência no mercado.

Em Portugal, existe uma extensa investigação dedicada à análise da dinâmica da atividade empresarial, que provém do acesso e utilização de uma base de dados importantíssima para a análise do tecido empresarial português, bem como do mercado de trabalho, os Quadros de Pessoal. Entre outros, destacam-se nesta área os trabalhos de Geroski et al. (2010), Cabral (2007), Cabral e Mata (2003), Mata et al. (1995), Mata e Portugal (1994) e Mata (1993), e mais recentemente e Sarmiento e Nunes (2012). São no entanto menos frequentes os trabalhos que se dedicam à análise regional e espacial. Entre estes, destacam-se, na análise da dinâmica empresarial regional o trabalho de Barbosa e Eiriz (2011) e de Nunes & Sarmiento (2010) e sobre o impacto da atividade empreendedora no crescimento económico e no emprego, os trabalhos de Batista e Preto (2011) e o de Batista et al. (2008).

Neste trabalho, propõe-se a análise da região do Algarve, definida pelo conceito de NUT II. Esta é, no conjunto das NUTII portuguesas, uma região com características que importam salientar. O Algarve torna-se, a partir de 2000, a região com a maior taxa de criação de empresas empregadoras do país. É, também, a região com o mais elevado crescimento da população de empresas ao longo dos cerca de 20 anos sobre os quais versa este estudo. Estes factos, por si só, suscitam um interesse acrescido numa análise mais pormenorizada da região, de forma a melhor compreender este fenómeno.

Neste trabalho de investigação, propõe-se uma análise compreensiva e crítica da atividade empresarial para o conjunto de empresas empregadoras na região do Algarve, ao longo de mais de duas décadas (1985-2007), com recurso a uma base de dados concebida a partir dos Quadros de Pessoal, que adota a metodologia preconizada pela OCDE e Eurostat no “*Manual on Business Demography Statistics*” (Eurostat/OCDE, 2007). Partindo da dimensão regional, desagregam-se diversas outras componentes, como as dimensões relativas à longevidade, dimensão empresarial, probabilidade de sobrevivência, emprego e o subconjunto de empresas formado pelas designadas como “empresas de elevado crescimento” e “gazelas”.

Este trabalho divide-se na forma como a seguir se descreve. Na próxima secção é apresentada a metodologia e a base de dados que fundamenta este trabalho. De seguida, na secção 3, é efetuado o *profiling* das empresas empregadoras algarvias, na secção 4 aborda-se a sobrevivência e o encerramento e finalmente a secção 5 conclui.

2. Dados, metodologia e principais conceitos

A utilização de uma base de dados específica de empreendedorismo, baseada nos Quadros de Pessoal que decorre da aplicação da metodologia proposta pelo Eurostat e pela OCDE (2007), permite obter de forma consistente e fundamentada, um conjunto de empresas portuguesas que empregam pelo menos um trabalhador remunerado e que operam no mercado formal em Portugal. Estas empresas constituem a grande fonte de criação de emprego (dependente) em Portugal. Decorrente da metodologia adotada, os indicadores apurados tornam-se comparáveis, não só a nível regional e nacional como, também, a nível internacional (OECD, 2009; 2008), adicionando relevância e interesse à análise.

Subjacentes ao estudo empírico da dinâmica empresarial e ao fenómeno do empreendedorismo estão conceitos e definições de demografia empresarial. É utilizado um léxico próprio, que deriva dos conceitos utilizados no estudo da demografia humana. De forma similar, a criação de uma empresa é intitulada de nascimento e, do mesmo modo, o seu encerramento é denominado de morte. Consequentemente, o nascimento de uma empresa permite criar emprego e, inversamente, uma morte acarreta a destruição de postos de trabalho. A proporção de novas empresas criadas no conjunto de empresas existentes, é deste modo, apelidada de taxa de natalidade, assim como a proporção de empresas encerradas no conjunto de empresas ativas no mercado é designada como taxa de mortalidade. O somatório

destas duas taxas, permite apurar o grau de dinamismo (turbulência ou dinâmica) de um determinado mercado (Eurostat/OCDE, 2007). Esta taxa fornece uma indicação do nível total de criação e encerramento de empresas, ou seja, de turbulência no mercado empresarial, na medida em que permite aferir a dinâmica estrutural de uma economia, que (potencialmente) dará origem aos denominados fenómenos de “destruição criativa”, subjacentes conhecidos da literatura internacional sobre empreendedorismo (OECD, 2008; Schumpeter, 1934).

O presente estudo sobre a dinâmica empresarial da região do Algarve assentou no desenvolvimento de uma base de dados específica de empreendedorismo, à qual foi aplicada a metodologia do *Manual of Business Demography Statistics* (Eurostat/OCDE, 2007), e que tem por base os Quadros de Pessoal, uma base de dados nacional fornece informação sobre empresas, estabelecimentos e empregados, proveniente do Ministério do Trabalho e da Segurança Social. Foram incluídas no estudo todas as empresas que cumprem estritamente os requisitos da metodologia adotada, ou seja, empresas empregadoras com pelo menos um trabalhador integrado no sistema de Segurança Social. A riqueza e desagregação longitudinal da informação contida nesta base de dados permitem decompor a análise em diversas dimensões, como a regional, sectorial, dimensional e de sobrevivência.

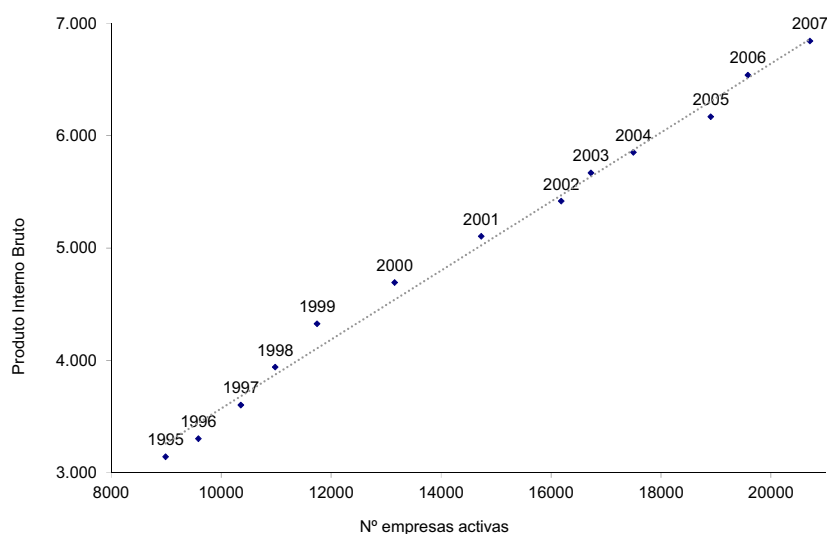
A população de empresas empregadoras ativas compreende todas as empresas que remuneram pelo menos um trabalhador no ano do seu nascimento e aquelas que, apesar de terem sido criadas num ano anterior, se situavam abaixo do limiar de um trabalhador remunerado. Para evitar problemas de contabilização e duplicação, nomeadamente no que diz respeito a empresas já existentes, mas se encontravam “adormecidas” (não aparecendo portanto na base de dados dos Quadros de Pessoal, dado que deixaram de possuir pelo menos um trabalhador registado na Segurança Social), mas cuja reativação é detetada na base de dados posteriormente, o Eurostat e a OCDE (2007) recomendam que se verifiquem dois anos de atividade, antes de se considerar efetivamente como nascimento, o surgimento de uma nova empresa na base de dados.

Esta exigência implica que, na contabilização de novas empresas, estas se inicie apenas 2 anos após o período inicial em que a empresa surgiu na base de dados, razão pela qual a criação de empresas é contabilizada a partir de 1987, em lugar de 1985. Por outro lado, as mesmas instituições estatísticas internacionais consideram que os encerramentos, ou “mortes” de empresas, ocorrem quando estas deixam de estar presentes na base de dados durante pelo menos dois anos, de forma a evitar intermitências de entradas e saídas de empresas da base de dados. Assim, a aplicação da metodologia para o cálculo de indicadores de empreendedorismo recomenda, explicitamente, a verificação do não aparecimento da empresa nos dois anos seguintes ao período de referência, de forma a permitir a distinção entre mortes efetivas e reativações de empresas. Por este motivo, o período de análise termina em 2005 e não em 2007, de forma a verificar que as empresas que encerraram em 2005 não subsistem na base de dados nos 2 anos subsequentes.

3. Profiling das empresas algarvias

A pertinência da análise de indicadores relativos à dinâmica empresarial regional deve-se ao facto do tecido empresarial ser responsável por uma parte substancial da geração de riqueza a nível local. No caso concreto do Algarve, é visível, por exemplo, uma correlação positiva elevada entre variáveis económicas como o PIB (Figura 1), o VAB, o investimento, o rendimento disponível e o emprego.

Figura 1: Relação entre o nº de empresas ativas e o PIB da região Algarve: 1995 a 2007

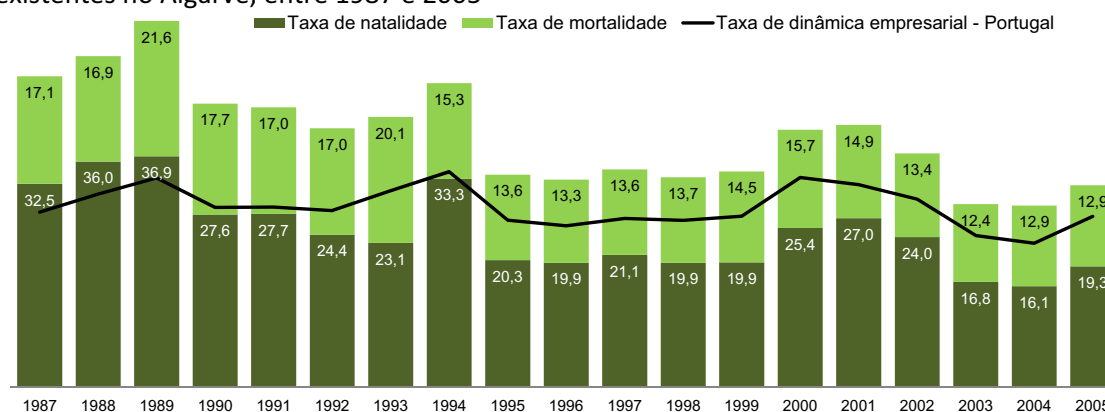


Fonte: Quadros de Pessoal, Ministério do Trabalho e da Segurança Social e INE (Contas Regionais Definitivas de 2006 e Preliminares de 2007).

3.1 Análise da dinâmica empresarial global

A taxa de dinâmica empresarial do Algarve, dada pelo somatório da taxa de natalidade e mortalidade de empresas empregadoras, é mais elevada do que a média nacional, esbatendo-se este diferencial a partir dos anos 90 (Figura 2). Dada a existência de elevada correlação entre a criação e a morte de empresas, a anos de maior criação de empresas correspondem em geral anos de maior mortalidade. Os períodos de maior crescimento estão ligados ao ciclo económico e a potenciais efeitos dos diversos quadros comunitários de apoio que ocorreram ao longo deste período (Sarmiento e Nunes, 2012a e 2012b). A Figura 2 permite a visualização da evolução do peso conjunto destas duas taxas (que permite observar a evolução da dinâmica/turbulência empresarial na região), em comparação com a dinâmica empresarial da economia, como um todo.

Figura 2: Evolução da dinâmica empresarial do conjunto de empresas empregadoras ativas existentes no Algarve, entre 1987 e 2005



Fonte: Cálculos próprios, com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS, de acordo com as definições do "Manual of Business Demography Statistics", Eurostat/OCDE (2007).

Nota: A taxa de natalidade é um rácio composto por um numerador que corresponde ao total de nascimentos de empresas empregadoras e por um denominador que corresponde ao total de empresas empregadoras ativas no período de referência. Um nascimento de uma empresa empregadora ocorre quando esta inicia atividade. Estes não incluem entradas na população devido a fusões, aquisições ou reestruturações de empresas ou reativações de unidades que estejam adormecidas durante um período de mais de 2 anos. Esta população é também composta por empresas que, embora existindo em anos anteriores, estavam abaixo do limiar de um trabalhador, de acordo com a

metodologia Eurostat/OECD, 2007. O nascimento de empresas empregadoras consiste na população de empresas ativas com pelo menos um trabalhador remunerado nascidas no ano n e de empresas que, existindo em períodos anteriores ao período de referência, se encontravam abaixo do valor de referência de um trabalhador remunerado. A taxa de mortalidade é um rácio composto por um numerador que corresponde ao total de mortes em empresas empregadoras, respetivamente, e por um denominador que corresponde ao total de empresas empregadoras ativas no período de referência. As mortes ocorrem porque as empresas deixam de estar presentes na base de dados (durante pelo menos dois anos) ou porque deixaram de ter pelo menos um trabalhador remunerado, conforme registo nos Quadros de Pessoal, de acordo com a metodologia Eurostat/OECD, 2007.

Adicionalmente, dinâmica empresarial no Algarve também se apresenta como a mais elevada de todas as regiões NUT II (Quadro 1). O Algarve caracteriza-se por elevada turbulência na criação e destruição de empresas, acima não só da média nacional, como das restantes regiões NUT II, facto este também percecionado quando a análise é repartida em dois subperíodos. Esta divisão corresponde à perceção de que existem duas tipologias de dinâmica empresarial distintas, a primeira até ao início do século XXI, na qual existe maior volatilidade e uma posterior, onde o ritmo de criação e destruição de empresas abranda. Entre 2001 e 2005, esta tendência para uma redução da turbulência verifica-se de uma forma generalizada no país, estando também patente na sua região mais a sul.

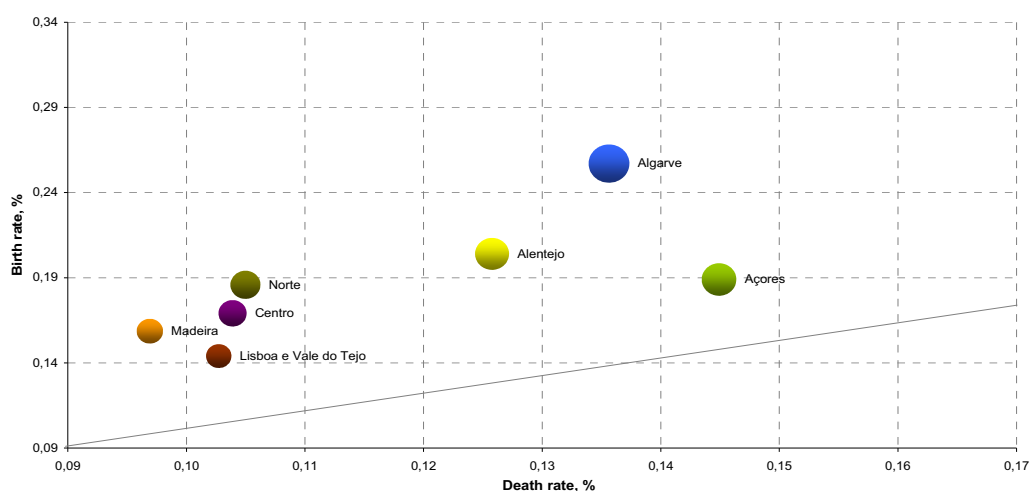
Quadro 1: Taxas de dinâmica empresarial por NUT II, de acordo com diferentes horizontes temporais

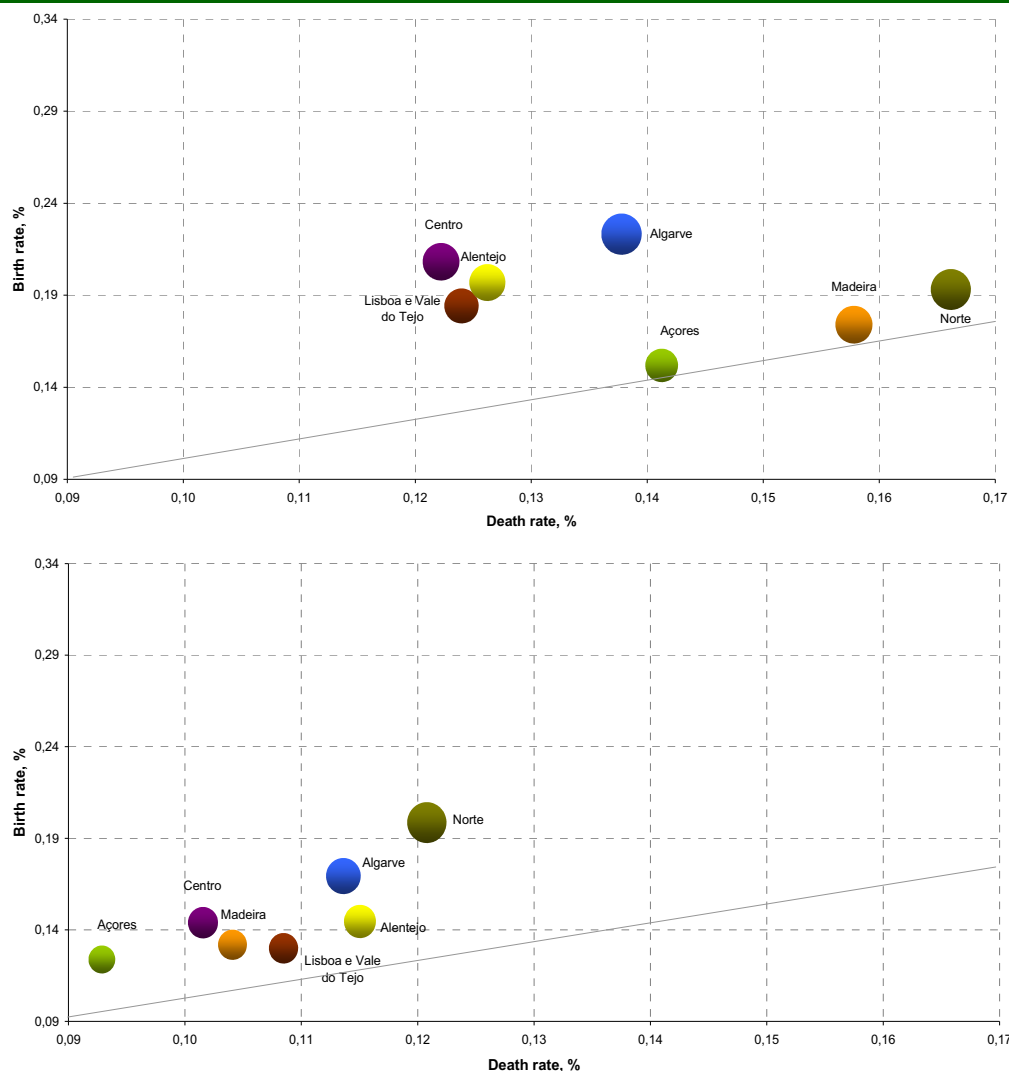
Taxa de dinâmica empresarial	NUT II							Portugal
	Algarve	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Açores	Madeira	
1987-2005	32,5	29,9	27,3	26,8	29,9	27,1	28,6	28,5
1987-2000	34,7	30,1	28,8	27,1	31,8	28,0	29,4	29,3
2001-2005	29,4	29,4	25,1	26,2	26,6	25,5	27,3	27,3

Fonte: Cálculos próprios, com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS, de acordo com as definições do "Manual of Business Demography Statistics", Eurostat/OCDE (2007).

Uma demonstração mais ilustrativa da diminuição da turbulência ao longo do tempo e do posicionamento relativo da região algarvia está patente nos gráficos seguintes, onde se ilustra a taxa de natalidade e mortalidade para todas as regiões NUT II portuguesas, para 3 anos distintos, 1987, 2000 e 2005 (Figura 3).

Figura 3: Taxa de natalidade, mortalidade e dinâmica empresarial para regiões NUT II portuguesas, 1987, 2000 e 2005





Fonte: Cálculos próprios, com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS, de acordo com as definições do "Manual of Business Demography Statistics", Eurostat/OCDE (2007).

3.2. Análise da dinâmica empresarial: por dimensão

Nesta secção, analisam-se alguns indicadores de dinâmica empresarial, destacando aspetos relacionados com a dimensão das empresas algarvias. O Quadro 2 contém o número de empresas ativas, com pelo menos um empregado, entre 1985 e 2007, bem como o seu peso no total de empresas ativas da economia portuguesa, por três classes de dimensão: empresas com menos de 10 trabalhadores, empresas que empregam entre 10 e 249 trabalhadores e empresas de elevada dimensão que empregam 250 trabalhadores ou mais (para uma análise mais detalhada, consultar o Anexo 1). Para além destes dados, são também apresentados o número de trabalhadores, a dimensão média das empresas e a proporção de empresas com menos de 10 trabalhadores, na região e em Portugal e o diferencial entre estes.

Quadro 2: Evolução do total de empresas, trabalhadores e respetiva proporção no total nacional, por dimensão da empresa, e dimensão média das empresas

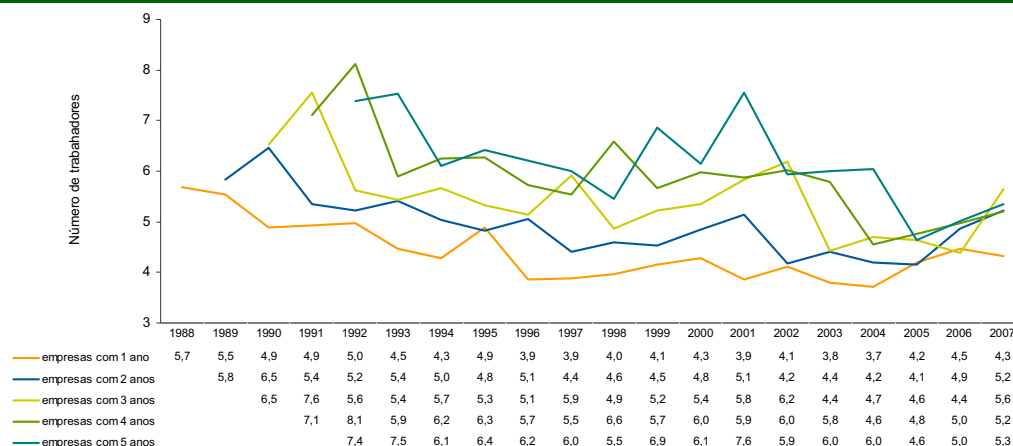
Anos	Empresas					Trabalhadores					Dimensão média das empresas			Proporção de empresas com < 10 trabalhadores		
	Algarve	Algarve Portugal por dimensão da empresa				Algarve	Algarve Portugal por dimensão da empresa				Portugal	Algarve	Diferencial (Portugal-Algarve)	Portugal	Algarve	Diferencial (Portugal-Algarve)
		Total	1-9	10-249	+ 250		Total	1-9	10-249	+ 250						
	Nº	%				Nº	%				Nº de trabalhadores			%		
															p.p.	
1985	3.081	3,02	3,21	2,55	1,14	34.849	1,84	3,22	2,55	0,86	13,10	11,31	1,79	73,07	77,67	-4,60
1986	3.269	3,06	3,27	2,52	1,05	35.380	1,87	3,30	2,52	0,76	14,31	10,82	3,49	73,74	78,77	-5,03
1987	3.657	3,30	3,53	2,69	0,93	36.600	1,89	3,56	2,69	0,59	16,86	10,01	6,85	73,90	79,11	-5,21
1988	4.353	3,55	3,81	2,82	1,33	42.980	2,15	3,82	2,82	0,71	13,86	9,87	3,98	74,54	80,01	-5,47
1989	5.557	4,05	4,43	2,94	0,77	47.179	2,17	4,32	2,94	0,30	28,12	8,49	19,63	75,38	82,49	-7,11
1990	5.700	4,06	4,46	2,89	1,10	48.363	2,19	4,33	2,89	0,43	19,56	8,48	11,08	75,24	82,68	-7,44
1991	6.363	4,28	4,72	2,94	1,08	52.095	2,33	4,54	2,94	0,51	16,03	8,19	7,84	75,97	83,77	-7,80
1992	6.979	4,38	4,84	2,92	1,12	54.923	2,42	4,64	2,92	0,57	13,78	7,87	5,91	76,71	84,73	-8,01
1993	7.293	4,40	4,83	2,92	1,08	54.165	2,44	4,53	2,92	0,53	13,92	7,43	6,50	77,81	85,45	-7,64
1994	8.558	4,64	5,05	3,09	1,25	57.028	2,57	4,75	3,09	0,55	12,20	6,66	5,53	79,82	86,75	-6,93
1995	8.994	4,68	5,07	3,10	1,23	58.580	2,62	4,82	3,10	0,55	11,93	6,51	5,41	80,71	87,40	-6,69
1996	9.590	4,85	5,24	3,21	1,15	61.495	2,75	5,01	3,21	0,59	10,91	6,41	4,49	81,35	87,82	-6,47
1997	10.360	4,85	5,23	3,20	1,14	65.036	2,77	5,00	3,20	0,51	12,29	6,28	6,01	81,65	88,04	-6,39
1998	10.985	4,80	5,14	3,29	1,24	69.038	2,80	4,91	3,29	0,57	11,09	6,28	4,81	82,05	87,86	-5,81
1999	11.748	4,81	5,11	3,46	1,55	75.168	2,91	4,92	3,46	0,67	9,56	6,40	3,16	82,16	87,30	-5,14
2000	13.159	4,90	5,19	3,54	1,31	82.521	3,06	5,05	3,54	0,60	10,51	6,27	4,24	82,92	87,80	-4,87
2001	14.734	5,19	5,44	4,05	1,34	95.511	3,35	5,33	4,05	0,68	9,51	6,48	3,03	82,70	86,66	-3,96
2002	16.187	5,40	5,64	4,23	1,69	99.417	3,53	5,54	4,23	0,78	7,88	6,14	1,74	83,44	87,16	-3,72
2003	16.728	5,46	5,67	4,36	1,89	103.022	3,62	5,55	4,36	0,89	6,94	6,16	0,78	83,99	87,33	-3,35
2004	17.500	5,59	5,81	4,48	1,47	106.622	3,68	5,75	4,48	0,70	8,71	6,09	2,62	84,32	87,58	-3,26
2005	18.906	5,55	5,74	4,53	1,69	114.456	3,73	5,77	4,53	0,80	7,54	6,05	1,49	84,79	87,73	-2,94
2006	19.580	5,69	5,88	4,66	2,02	118.816	3,83	5,89	4,66	0,98	6,19	6,07	0,12	84,91	87,78	-2,87
2007	20.711	5,84	6,00	4,97	2,08	128.163	4,00	6,00	4,97	1,01	6,11	6,19	-0,08	84,85	87,23	-2,38
Taxa de crescimento médio (%)	9,05	3,04	2,88	3,08	2,77	6,10	3,60	2,87	3,08	0,73	-3,41	-2,70		0,68	0,53	

Fonte: Cálculos próprios, com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS, de acordo com as definições do "Manual of Business Demography Statistics", Eurostat/OCDE (2007).

No período considerado, o número de empresas empregadoras ativas cresceu consideravelmente, de cerca de 3.000 em 1985 (3% do total de empresas), para quase 21.000 em 2007 (6% do total), o que perfaz um crescimento médio de cerca de 9% ao ano. Estas empresas empregavam cerca de 128.000 pessoas em 2007, representando apenas 4% da população empregue nas empresas portuguesas, uma proporção inferior ao peso das empresas no total nacional (6%). Apesar de tudo, este indicador melhorou significativamente, pois 22 anos antes, as empresas algarvias apenas representavam 1,8% do emprego total nacional. Este acréscimo de emprego deve-se fundamentalmente a uma maior criação de emprego nas empresas mais pequenas, com menos de 10 trabalhadores. Por outro lado, verifica-se que o número de pequenas empresas aumentou ao longo destes 22 anos (78% em 1985 e 87% em 2007), em linha com o que se verificou no país (Sarmiento & Nunes, 2012). No entanto, na região algarvia predominam as empresas com menos de 10 trabalhadores, sendo o diferencial de dimensão sempre desfavorável à região face ao total nacional, embora se venha estreitando ao longo do período, dado o ritmo de crescimento médio anual das empresas com menos de 10 trabalhadores no conjunto do país ser superior (0,68%) ao da região algarvia (0,53%) (Quadro 1). O Algarve é também a região NUT II com o maior peso de empresas com menos de 20 trabalhadores (Sarmiento & Nunes, 2010).

Entre 1985 e 2007, o conjunto de empresas algarvias empregaram, em média, cerca de 6 trabalhadores, valor médio idêntico ao nacional. Contudo, existe uma tendência evidente para uma redução da dimensão empresarial (Figura 4). Em 22 anos, as empresas perdem em média o equivalente a cerca de 5 trabalhadores, valor no entanto inferior à média nacional, de menos 7 trabalhadores, que apresenta uma taxa de crescimento médio anual superior (-3,5%) ao da região (-2,7%).

Figura 4: Dimensão empresarial por longevidade da empresa (nº médio de trabalhadores)



Fonte: Cálculos próprios, com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS, de acordo com as definições do "Manual of Business Demography Statistics", Eurostat/OCDE (2007).

O fenómeno de perda de dimensão é também visível quando se compara a dimensão de uma empresa no momento da sua criação, com a sua dimensão no momento do encerramento, traduzindo esta diferença a capacidade de crescimento, relativa ao número de trabalhadores (Quadro 3). No momento em que são criadas e no momento em que encerram, as empresas algarvias continuam em média a serem mais pequenas que a média nacional. Assiste-se também a um fenómeno de redução do diferencial de dimensão nestes dois momentos de vida e morte das empresas, ao qual a região algarvia não fica imune. Em 10 anos, as novas empresas são criadas com menos 2 trabalhadores, em média, enquanto que estas encerram com menos 3 trabalhadores em 2007 do que em 1987. Naturalmente, isto traduz-se em que a partir de 2005, as empresas passam a encerrar, em média, com um número de trabalhadores inferior ao que auferiam no momento da sua criação. O outsourcing e a automatização de muitas tarefas, nomeadamente com o advento das tecnologias de informação, contribuiu substancialmente para menores necessidades de pessoal, nomeadamente em setores mais mão de obra intensivos, como o caso dos serviços. Contudo, a dimensão das empresas algarvias, no momento de criação, reduz-se menos que a média nacional, o que pode ter a ver com o facto de as novas empresas serem empresas já criadas com uma dimensão inferior à da média noutras regiões.

Quadro 3: Dimensão média de novas empresas criadas e de empresas que encerram atividade, Algarve e Portugal (nº trabalhadores)

	Dimensão médias novas empresas		Dimensão médias empresas que morrem		Diferencial de crescimento	
	Algarve	Portugal	Algarve	Portugal	Algarve	Portugal
1985			6,3	6,8		
1986			5,7	6,5		
1987	5	5	5	7	0	1
1988	5	6	6	6	1	0
1989	4	6	4	6	0	0
1993	4	5	5	8	1	3
1994	4	6	4	5	0	-1
2000	3	4	3	5	0	1
2005	3	4	3	4	-1	0
2006	3	3			-3	-3
2007	3	3			-3	-3
2007-1997	-2	-2				
2005-1985			-3	-3		

Fonte: Cálculos próprios, com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS, de acordo com as definições do "Manual of Business Demography Statistics", Eurostat/OCDE (2007).

Nota: Diferencial de crescimento: Dimensão no momento de encerrar – dimensão no momento de criação.

A criação e destruição de empresas constituem-se como indicadores primários do nível de atividade empreendedora, a nível regional. O Quadro 4 dedica-se à análise da evolução temporal das taxas de natalidade (criação) e mortalidade (encerramento) de empresas. A informação encontra-se detalhada em dois subgrupos de empresas, aquelas com menos de 10 trabalhadores e as restantes, dada a elevada representatividade das primeiras no conjunto total de empresas.

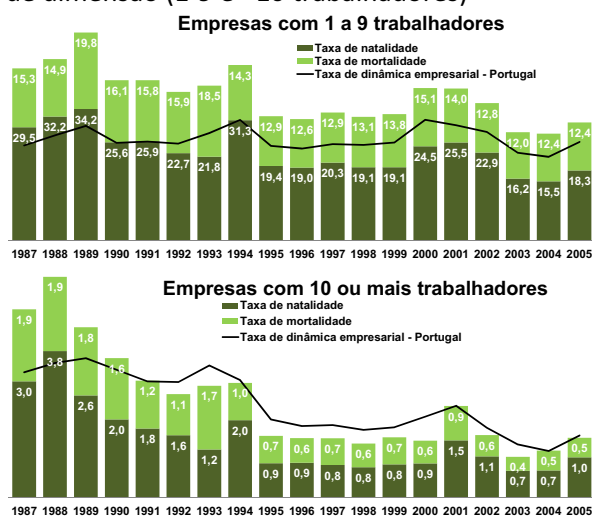
Quadro 4: Evolução da taxa de natalidade e mortalidade de empresas no Algarve e em Portugal, por dimensão (nº trabalhadores)

Dimensão		1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	Taxa de crescimento médio
Total	Algarve	32,5	36,0	36,9	27,6	27,7	24,4	23,1	33,3	20,3	19,9	21,1	19,9	19,9	25,4	27,0	24,0	16,8	16,1	19,3	-2,8
	Portugal	17,2	19,4	20,1	16,8	17,3	16,8	16,2	22,8	15,6	15,2	16,4	16,4	15,9	19,5	19,1	18,2	13,5	12,7	16,1	-0,4
0-9	Algarve	29,5	32,2	34,2	25,6	25,9	22,7	21,8	31,3	19,4	19,0	20,3	19,1	19,1	24,5	25,5	22,9	16,2	15,5	18,3	-2,6
	Portugal	15,3	17,3	18,0	14,9	15,7	15,3	14,7	20,8	14,6	14,2	15,3	15,4	14,9	18,4	17,7	17,2	12,8	12,1	15,1	-0,1
+10	Algarve	3,0	3,8	2,6	2,0	1,8	1,6	1,2	2,0	0,9	0,9	0,8	0,8	0,8	0,9	1,5	1,1	0,7	0,7	1,0	-5,8
	Portugal	1,9	2,1	2,1	1,9	1,6	1,6	1,4	1,9	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,4	1,0	0,7	0,6	1,0	-3,5
Total	Algarve	17,1	16,9	21,6	17,7	17,0	20,1	15,3	13,6	13,3	13,6	13,7	14,5	15,7	14,9	13,4	12,4	12,9	12,9	-1,5	
	Portugal	10,7	11,5	13,4	11,9	11,5	11,4	15,2	11,6	11,1	10,6	10,6	10,2	11,4	14,0	13,3	11,8	10,7	10,3	11,2	0,2
0-9	Algarve	15,3	14,9	19,8	16,1	15,8	15,9	18,5	14,3	12,9	12,6	12,9	13,1	13,8	15,1	14,0	12,8	12,0	12,4	12,4	-1,1
	Portugal	9,4	10,1	11,8	10,5	10,1	10,0	13,2	10,5	10,1	9,7	9,7	9,5	10,6	13,0	12,3	11,0	10,1	9,7	10,6	0,7
+10	Algarve	1,9	1,9	1,8	1,6	1,2	1,1	1,7	1,0	0,7	0,6	0,7	0,6	0,7	0,6	0,9	0,6	0,4	0,5	0,5	-7,0
	Portugal	1,4	1,4	1,5	1,5	1,4	1,4	2,0	1,1	1,0	0,9	0,8	0,8	0,8	1,1	1,0	0,8	0,6	0,6	0,6	-4,3

Fonte: Cálculos próprios, com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS, de acordo com as definições do "Manual of Business Demography Statistics", Eurostat/OCDE (2007).

A taxa de dinâmica empresarial, resultante da soma da taxa de natalidade com a taxa mortalidade, é mais elevada no Algarve do que a média nacional, o mesmo acontecendo para o subconjunto de empresas de menor dimensão. No entanto, no escalão de empresas com mais de 10 trabalhadores esta volatilidade é inferior à média nacional para a maioria dos anos após 1991 (Figura 5).

Figura 5: Evolução da dinâmica empresarial no Algarve e taxa de dinâmica empresarial em Portugal, por escalões de dimensão (1-9 e +10 trabalhadores)

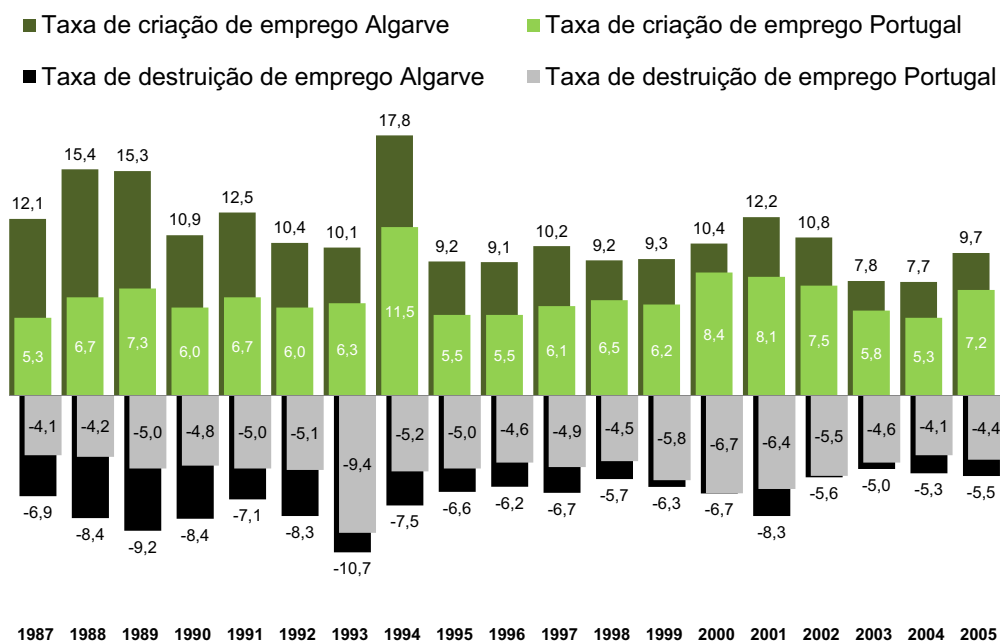


Fonte: Cálculos próprios, com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS, de acordo com as definições do "Manual of Business Demography Statistics", Eurostat/OCDE (2007).

3.3. Emprego

Resultante da maior criação e destruição empresarial apresentada pelo Algarve, também a taxa de criação e destruição de emprego nestas empresas é superior à média nacional (Figura 6), indicando novamente maior *turnover* e volatilidade que na média do país. É também visível que as diferenças entre as taxas da região e a média nacional, mais acentuadas até meados dos anos 90 do séc. II, diminuem no período posterior. No entanto, enquanto a taxa de criação de emprego se mantém ainda assim, superior à média nacional no início do séc. XXI, a taxa de destruição de emprego converge mais rapidamente para a média nacional.

Figura 6: Evolução da taxa de criação e destruição de emprego no Algarve e em Portugal



Fonte: Cálculos próprios, com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS, de acordo com as definições do "Manual of Business Demography Statistics", Eurostat/OCDE (2007).

De um ponto de vista mais desagregado, é perceptível que o ritmo de crescimento de geração de emprego é mais acentuado nas empresas de média dimensão, em particular nas do escalão entre os 20 e os 49 trabalhadores (Quadro 5).

Quadro 5: Emprego em empresas empregadoras ativas

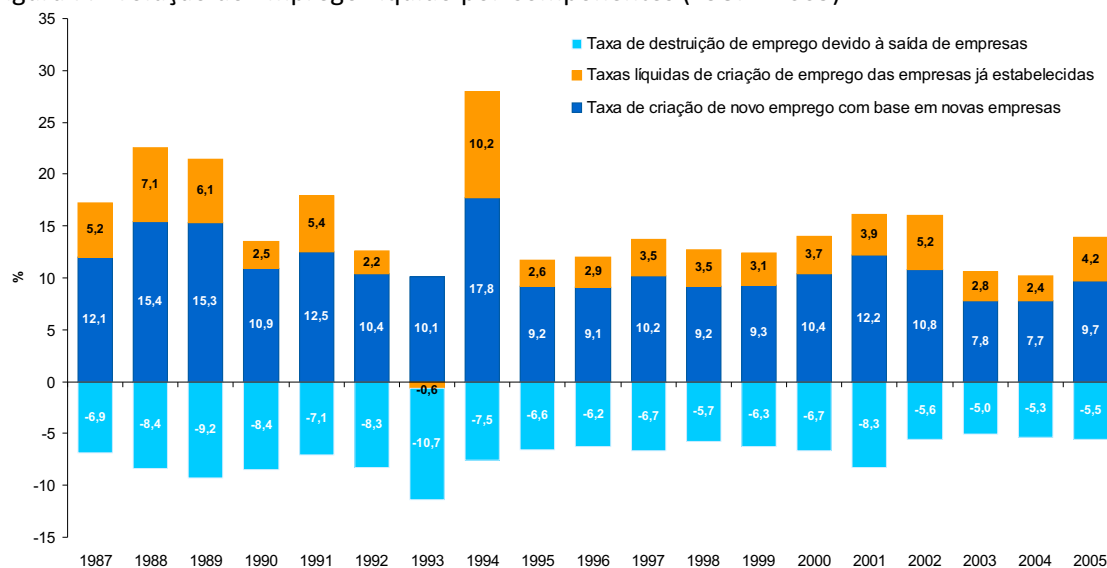
Escalaão Dimensional (nº trabalhadores)	1987 - 2000		2001 - 2005		2005		2006		2007	
	Nº médio de trabalhadores	Taxa de Crescimento	Nº médio de trabalhadores	Taxa de Crescimento	Nº de trabalhadores	Taxa de Crescimento	Nº de trabalhadores	Taxa de Crescimento	Nº de trabalhadores	Taxa de Crescimento
Total	57 512	6,5	103 806	4,6	114 456	7,3	118 816	3,8	128 163	7,9
1 - 4	11 802	11,1	24 317	6,1	27 189	8,1	28 208	3,7	29 561	4,8
5 - 9	11 182	8,3	21 217	4,7	23 072	4,5	23 033	-0,2	23 889	3,7
10 - 19	9 080	6,3	17 610	3,9	18 958	7,6	19 501	2,9	21 451	10,0
20 - 49	8 411	5,8	16 710	6,2	18 636	6,5	19 806	6,3	21 612	9,1
50 - 249	13 502	4,3	18 776	1,9	20 825	6,5	21 105	1,3	23 938	13,4
≥ 250	3 536	-0,4	5 176	5,6	5 776	22,3	7 163	24,0	7 712	7,7

Fonte: Cálculos próprios, com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS, de acordo com as definições do "Manual of Business Demography Statistics", Eurostat/OCDE (2007)

No Algarve, uma parte substancial de novo emprego é gerado pela emergência de novas empresas (9,7% em 2005). Em particular, em 1994, o ano do início da recuperação económica, após a crise do SME em 1993 (quando se registou 10,7% de destruição de emprego), a criação

de novas empresas foi responsável por 18% do emprego, sendo também este o ano com maior taxa de criação de emprego em empresas já existentes (Figura 7).

Figura 7: Evolução do Emprego Líquido por Componentes (1987 - 2005)



Fonte: Cálculos próprios, com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS, de acordo com as definições do "Manual of Business Demography Statistics", Eurostat/OCDE (2007)

Uma análise por dimensão empresarial permite identificar as pequenas empresas com menos de 10 trabalhadores, as mais numerosas e que sofrem de maior turbulência, como as responsáveis pela geração de mais postos de trabalho, mas igualmente pela sua destruição (Quadro 6). Consta-se que a taxa de criação de emprego diminui à medida que a dimensão aumenta, refletindo a diminuição significativa do número de empresas à medida que o escalão aumenta.

Quadro 6: Criação e destruição de emprego (milhares de trabalhadores e %)

Escala Dimensional	1987 - 2000		2001 - 2007		2005		2006		2007		1985 - 2000		2001 - 2005		2003		2004		2005	
	Nº médio	T C (%)	Nº médio	T C (%)	Nº	T C (%)	Nº	T C (%)	Nº	T C (%)	Nº médio	T D (%)	Nº médio	T D (%)	Nº	T D (%)	Nº	T D (%)	Nº	T D (%)
Total	6,5	11,6	9,8	9,1	11,1	9,7	9,4	7,9	9,4	7,4	4,1	7,7	6,1	5,9	5,2	5,0	5,7	5,3	6,3	5,5
1 - 4	2,8	25,5	4,6	10,3	4,8	17,6	4,3	15,4	4,8	16,1	1,6	15,6	3,0	12,3	2,8	11,5	3,0	11,9	3,2	11,8
5 - 9	1,5	13,9	2,0	9,2	2,2	9,7	1,7	7,2	1,6	6,6	0,8	8,8	1,1	5,4	0,9	4,5	0,9	4,1	1,3	5,8
10 - 19	0,9	10,4	1,3	6,9	1,5	7,7	1,0	4,9	1,1	5,2	0,6	7,6	0,7	4,1	0,5	2,6	0,8	4,3	0,8	4,0
20 - 49	0,5	6,8	0,9	5,2	1,5	8,2	1,0	5,2	1,0	4,8	0,4	5,7	0,6	3,4	0,4	2,4	0,5	2,7	0,6	3,1
50 - 249	0,6	4,8	0,7	3,7	1,1	5,4	1,0	4,6	0,7	2,8	0,5	4,0	0,6	3,0	0,1	0,7	0,3	1,4	0,4	2,1
≥ 250	0,1	3,5	0,3	5,1	0,0	0,0	0,4	5,6	0,3	3,6	0,1	1,7	0,1	2,7	0,5	8,1	0,3	5,5	0,0	0,0

Fonte: Cálculos próprios, com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS, de acordo com as definições do "Manual of Business Demography Statistics", Eurostat/OCDE (2007)

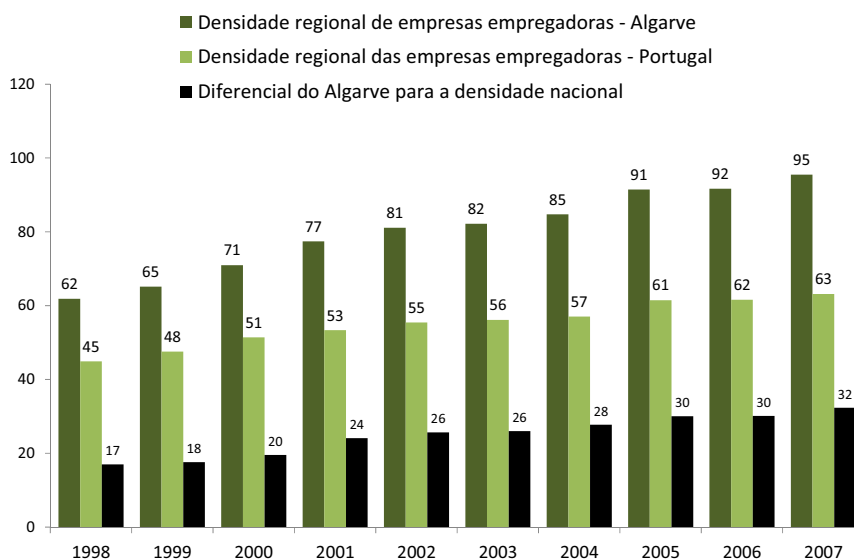
Nota: TC é a taxa de criação e TD é a taxa de destruição de emprego. Rácios compostos por um numerador que corresponde ao total de empregados nas empresas empregadoras que "nascem" e "morrem" anualmente, respetivamente e por um denominador que corresponde ao total de emprego em empresas empregadoras ativas (de acordo com a metodologia do "Manual on Business Demography Statistics", Eurostat/OECD, 2007).

3.4. Por densidade empresarial

O cálculo da densidade empresarial oferece um contraste interessante entre a dinâmica de crescimento do tecido empresarial e a população de uma região. O Algarve é a segunda região com maior densidade empresarial de empresas empregadoras, a seguir ao Alentejo, superando a densidade nacional (Figura 8). Face à população ativa que detém, o Algarve apresenta um crescimento de empresas considerável, e sustentado ao longo de uma década, face à evolução do aumento da sua população neste período, fenómeno explicado em grande

parte pela especialização sectorial em setores como a construção e de serviços, nomeadamente ligados ao turismo, sobretudo a partir de 2000. No que diz respeito à criação de novas empresas, o Algarve apresenta a maior densidade regional do país, no período após 2001, destronando o Alentejo.

Figura 8: Densidade regional de empresas empregadoras ativas na região do Algarve e em Portugal



Fonte: Cálculos próprios, com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS, de acordo com as definições do "Manual of Business Demography Statistics", Eurostat/OCDE (2007) e dados do INE para a população média ativa (Série 1998) por Local de residência (NUTS – 2001).

Nota: A densidade empresarial é calculada através do quociente entre a população de empresas empregadoras (GEP/MTSS) e o total da população ativa na região NUT II Algarve.

3.5. Por intensidade de crescimento

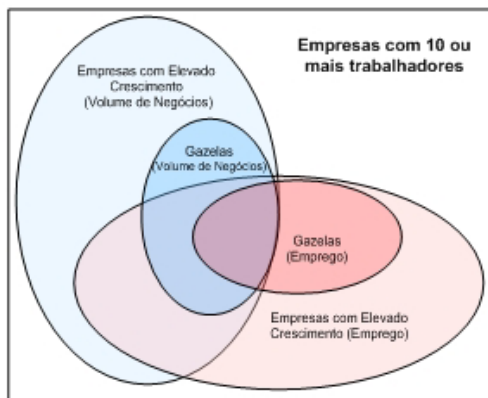
Para além dos eventos relacionados com a entrada e saída de empresas do mercado, indicadores referentes ao crescimento das empresas são também eles, fundamentais para uma análise mais completa do fenómeno do empreendedorismo. O crescimento empresarial tem sido bastante abordado na literatura. No entanto, apenas há cerca de 20 anos surge o conceito de empresa “gazela”. Esta expressão foi criada por Birch (1979) para designar um pequeno número de empresas de elevado crescimento que gerariam a maior parcela de emprego líquido na economia. Apesar de não existir um acordo claro sobre o que deve designar o termo (Henrekson & Johansson, 2010), atualmente a expressão é utilizada fundamentalmente para definir as empresas que são capazes de atingir um ritmo elevado crescimento num curto espaço de tempo. A particularidade das gazelas, e a sua característica identificadora relativamente a uma empresa de elevado crescimento, assenta na natureza e *timing* do processo de crescimento. Nesta secção, examina-se a distribuição regional das empresas de elevado crescimento e das Gazelas, de acordo com a definição de NUT II e a metodologia adotada neste estudo.

Ahmad (2006) e o programa de indicadores de empreendedorismo do Eurostat e OCDE (Eurostat/OCDE, 2007) definem as empresas de elevado crescimento e gazelas de acordo com dois critérios essenciais, por volume de negócios ou emprego (Eurostat/OCDE, 2007). Frequentemente, a análise por emprego, indicador real, é preferível ao recurso a um indicador nominal, particularmente quando são efetuadas comparações a nível internacional, onde existem maiores discrepâncias designadamente entre sistemas tarifários e de impostos.

Consideram-se empresas de elevado crescimento, todas as empresas que tenham tido um crescimento médio anual em termos de volume de negócios ou emprego igual ou superior a

20% ao ano, durante um período de 3 anos, e que empreguem pelo menos 10 trabalhadores, no início do período considerado. As Gazelas são um subconjunto das empresas de elevado crescimento constituído por empresas jovens que tenham, no máximo, 5 anos de idade (Figura 9).

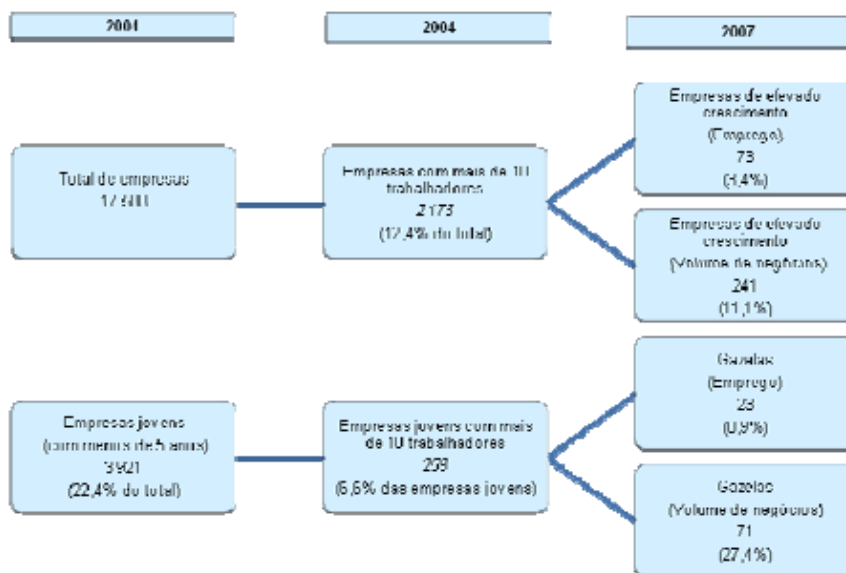
Figura 9: Definição do universo de empresas de elevado crescimento e de Gazelas



Fonte: Elaboração própria.

A aplicação desta metodologia, em que se dá como exemplo, o cálculo para o ano de 2007 na Figura 10 permite concluir que das 17.500 empresas existentes no Algarve em 2004, em 2007, apenas 73 podem ser consideradas empresas de elevado crescimento, de acordo com o critério de emprego, e 241 de acordo com o de volume de negócios. Por outro lado, das 3.921 empresas com menos de 5 anos em 2004, apenas 23 e 71 podem ser consideradas gazelas, de acordo com o critério de emprego e de volume de negócios, respetivamente.

Figura 10: Perspetiva da contabilização das Empresas de Elevado Crescimento e Gazelas existentes em 2007 no Algarve



Fonte: Elaboração própria.

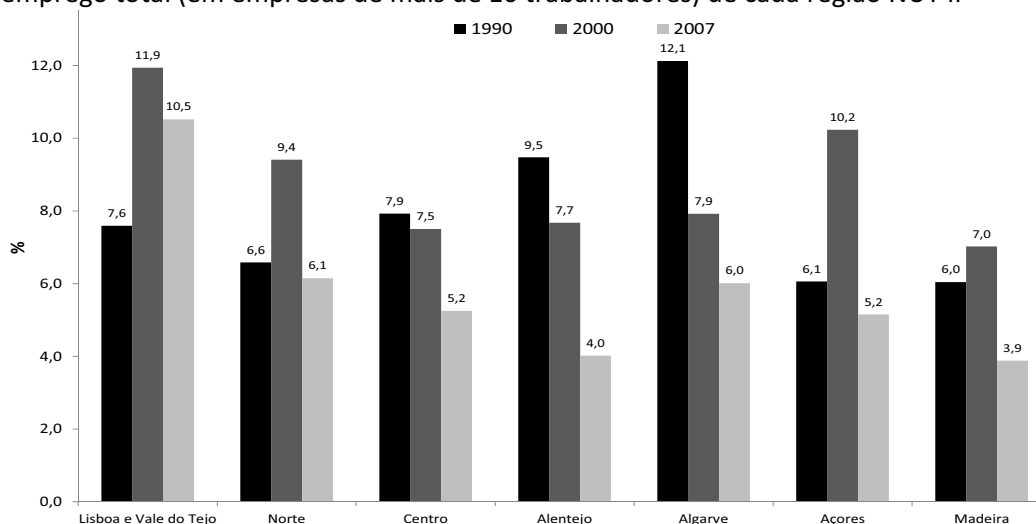
Encontram-se empresas de elevado crescimento e gazelas em todas as regiões Portuguesas. Em termos absolutos, a região que concentra mais de metade das empresas de elevado crescimento em 2007 é a região de Lisboa. Ao longo deste período, verifica-se uma crescente intensidade de concentração de ambas as empresas de elevado crescimento e gazelas na região

de Lisboa, enquanto as restantes regiões sofrem de uma diminuição da sua representatividade regional, evidenciando uma ampliação da dicotomia centro/periferia. Este facto é exacerbado quando a análise é feita de acordo com o critério do emprego. Aspetos de localização das sedes das empresas devem também ser tidos em conta numa análise cuidada destes dados.

Apesar do aumento do número de empresas de elevado crescimento (53 em 1990 e 73 em 2007), a região perde relevância no contexto nacional, pois enquanto essas 53 empresas representavam em 1990, 5,4% do total nacional, em 2007 representavam apenas cerca de metade (2,8%). O mesmo acontece com o seu número de trabalhadores que cai em média ainda mais, em resultado da diminuição da dimensão média não só das empresas de elevado crescimento, bem como das gazelas.

Em 1990, o emprego nas empresas de elevado crescimento correspondia a 12,1% do emprego na região (em empresas com mais de 10 trabalhadores), sendo o mais elevado de todas as regiões portuguesas (Figura 11). No entanto, em 2007, a situação reverteu-se, e é Lisboa que lidera o *ranking* nacional. O peso do emprego em empresas de elevado crescimento em Lisboa é quase o dobro de regiões como o Algarve. A proporção deste tipo de emprego no Algarve sofreu a maior quebra de todas as regiões, para cerca de metade em 17 anos (6% em 2007).

Figura 11: Peso do emprego em empresas de elevado crescimento (critério do emprego) no emprego total (em empresas de mais de 10 trabalhadores) de cada região NUT II



Fonte: Cálculos próprios, com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS, de acordo com as definições do "Manual of Business Demography Statistics", Eurostat/OCDE (2007).

A análise deste conjunto de empresas de elevado crescimento revela um comportamento inverso ao do conjunto do tecido empresarial algarvio, que conseguiu crescer acima da média do crescimento nacional. Em 1990, as empresas algarvias representavam apenas 3% da população de empresas empregadoras portuguesas, mas em 2007 eram 5,8%. No entanto, o conjunto de empresas com menos de 10 trabalhadores também diminuiu a sua representatividade no conjunto do tecido empresarial, afetando naturalmente a contabilização deste tipo de empresas (Quadro 7). Em linha com o verificado para o conjunto de empresas algarvias e nacionais, também estas empresas sofrem uma redução da sua dimensão média. Em 15 anos, as gazelas perdem 17 trabalhadores e as empresas de elevado crescimento, cerca de 11 trabalhadores em 17 anos (Quadros 7 e 8).

Quadro 7: Empresas de elevado crescimento por emprego, no Algarve

Empresas de elevado crescimento por emprego								Empresas empregadoras
Ano	Empresas			Trabalhadores			Dimensão média (nº)	Proporção de empresas algarvias com mais de 10 trabalhadores (%)
	Nº	Taxa de crescimento (%)	Peso na população de empresas com pelo menos 10 trabalhadores (%)	Nº	Taxa de crescimento (%)	Peso na população com pelo menos 10 trabalhadores (%)		
1990	53		5,4	3.830		12,1	72,3	17,1
1991	40	-24,5	3,9	2.734	-28,6	8,1	68,4	16,1
1992	28	-30,0	2,6	2.358	-13,8	6,8	84,2	15,1
1993	34	21,4	3,2	2.053	-12,9	6,1	60,4	14,4
1994	29	-14,7	2,6	1.863	-9,3	5,7	64,2	13,1
1995	25	-13,8	2,2	1.424	-23,6	4,3	57,0	12,5
1996	27	8,0	2,3	2.306	61,9	6,7	85,4	12,1
1997	44	63,0	3,6	2.441	5,9	4,7	55,5	11,9
1998	41	-6,8	3,1	3.019	23,7	7,9	73,6	12,1
1999	53	29,3	3,6	3.313	9,7	7,8	62,5	12,6
2000	70	32,1	4,4	3.654	10,3	7,9	52,2	12,1
2001	89	27,1	4,5	6.083	66,5	11,1	68,3	13,3
2002	90	1,1	4,3	4.524	-25,6	8,2	50,3	12,8
2003	70	-22,2	3,3	4.566	0,9	7,9	65,2	12,6
2004	62	-11,4	2,9	3.404	-25,4	5,7	54,9	12,3
2005	49	-21,0	2,1	2.324	-31,7	3,6	47,4	12,2
2006	54	10,2	2,3	3.012	29,6	4,5	55,8	12,1
2007	73	35,2	2,8	4.490	49,1	4,3	61,5	12,7
Taxa de crescimento médio (%)	1,9							

Fonte: Cálculos próprios, com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS, de acordo com as definições do "Manual of Business Demography Statistics", Eurostat/OCDE (2007).

Enquanto as empresas de elevado crescimento diminuem o seu peso no tecido empresarial entre 1990 e 2007, o Algarve é a única região do país onde as gazelas conseguem recuperar a representatividade destas empresas, mantendo-se, em 2007, em cerca de 1% da população total de empresas com mais de 10 trabalhadores (Quadro 8).

Quadro 8: Gazelas por emprego, no Algarve

Gazelas por emprego							
Ano	Empresas			Trabalhadores			Dimensão média (nº)
	Nº	Taxa de crescimento (%)	Peso na população de empresas com pelo menos 10 trabalhadores (%)	Nº	Taxa de crescimento (%)	Peso na população com pelo menos 10 trabalhadores (%)	
1992	10		1,0	631		2,0	63,1
1993	13	30,0	1,3	632	0,2	1,9	48,6
1994	10	-23,1	0,9	660	4,4	1,9	66,0
1995	5	-50,0	0,5	205	-68,9	0,6	41,0
1996	7	40,0	0,6	323	57,6	1,0	46,1
1997	7	0,0	0,6	643	99,1	1,9	91,9
1998	10	42,9	0,9	959	49,1	2,8	95,9
1999	11	10,0	0,9	665	-30,7	1,3	60,5
2000	13	18,2	1,0	615	-7,5	1,6	47,3
2001	18	38,5	1,2	1.275	107,3	3,0	70,8
2002	19	5,6	1,2	604	-52,6	1,3	31,8
2003	11	-42,1	0,6	408	-32,5	0,7	37,1
2004	20	81,8	1,0	922	126,0	1,7	46,1
2005	16	-20,0	0,8	566	-38,6	1,0	35,4
2006	18	12,5	0,8	773	36,6	1,3	42,9
2007	23	27,8	1,0	1.051	36,0	1,6	45,7

Fonte: Cálculos próprios, com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS, de acordo com as definições do "Manual of Business Demography Statistics", Eurostat/OCDE (2007).

4. A sobrevivência e o encerramento

A compreensão dos fenómenos subjacentes às dinâmicas de nascimento, crescimento e encerramento de empresas revela-se fundamental para o desenvolvimento equilibrado de políticas de desenvolvimento regional, que possam apoiar devidamente a atividade empresarial, bem como a criação e manutenção de novo emprego. Na literatura académica existem alguns estudos empíricos que analisam a relação entre fatores regionais e o encerramento de empresas. Carree et al. (2011), por exemplo, referem que as infraestruturas são ativos fundamentais para o desenvolvimento do potencial económico de uma região permitindo que se utilizem, eficientemente, os recursos disponíveis para a atividade empresarial. O estudo da sobrevivência e dos determinantes empresariais

A análise da probabilidade de sobrevivência das empresas na região do Algarve, ao longo dos anos disponíveis neste estudo (1987-2005), utiliza o estimador não paramétrico de Kaplan-Meier. Entende-se como probabilidade de sobrevivência de uma empresa, a probabilidade de esta sobreviver (não encerrar) para além de um determinado período de tempo t , condicionada pelo facto de ter sobrevivido (isto é, de se ter mantido ativa) até esse mesmo momento. Este tipo de metodologia tem-se tornado familiar e tem-se revelado de extrema utilidade na literatura dedicada à sobrevivência de empresas (para um resumo de exemplos da aplicação da metodologia pode consultar-se Manjón-Antolín e Arauzo-Carod, (2008)), sendo já conhecidos alguns estudos para a economia portuguesa, em geral, e para a região norte, em particular (Nunes e Sarmento (2012) e Sarmento e Nunes (2011)).

A análise e discussão da probabilidade de sobrevivência das empresas localizadas numa determinada região apresenta particular importância, não só do ponto de vista da *performance* empresarial, como também de um ponto de vista de desenvolvimento regional. O encerramento de uma empresa comporta consequências óbvias para o mercado de trabalho, com a destruição de postos de trabalho.

Para períodos de risco observados t_1, \dots, t_k , onde k é o número de períodos distintos de risco observados no conjunto dos dados, o estimador Kaplan-Meier para a função de sobrevivência das empresas algarvias, num dado momento t , é dado por:

$$\hat{S}(t) = \prod_{j|t_j \leq t} \left(\frac{n_j - d_j}{n_j} \right) \quad (1)$$

Na equação anterior, n_j é o número de empresas em risco no momento t_j e d_j é o número de encerramentos até t_j . O produto é realizado para todos os períodos de risco, desde o momento de criação da empresa em t (Cleves et al., 2004).

No Quadro seguinte é possível observar os resultados do estimador Kaplan-Meier, considerando o conjunto de empresas criadas ao longo dos 18 anos em análise (1987 a 2005). Para além dos resultados estimados referentes à probabilidade de sobrevivência, apresentam-se ainda o número de empresas observadas, o número de empresas encerradas e o número de empresas não encerradas durante os 18 anos em que decorreu este estudo, e que designamos de observações censuradas. Do conjunto de 25.192 empresas criadas no período, verifica-se que cerca de 86% se mantém ativa após o primeiro ano de vida, descendo este valor para os 75%, após mais um ano de atividade. Após o decurso de 18 anos de vida, apenas cerca de 24% das empresas algarvias se mantem em atividade. Nesta região, 50% das empresas morre entre os 5 e os 6 anos de vida (Quadro 9).

Quadro 9: Probabilidade de sobrevivência das empresas no Algarve

Anos	Empresas observadas	Encerramentos observados	Observações censuradas	Função de Sobrevivência Kaplan-Meier	Desvio Padrão	Intervalo de Confiança (95%)	
						Nº	%
1	25.192	3.637	3.201	85,6	0,2	85,1	86,0
2	18.354	2.161	806	75,5	0,3	74,9	76,0
3	15.387	1.581	1.587	67,7	0,3	67,1	68,3
4	12.219	1.173	1.531	61,2	0,3	60,6	61,9
5	9.515	842	1.101	55,8	0,4	55,1	56,5
6	7.572	639	647	51,1	0,4	50,4	51,8
7	6.286	485	554	47,2	0,4	46,4	47,9
8	5.247	327	512	44,2	0,4	43,5	45,0
9	4.408	308	421	41,1	0,4	40,3	41,9
10	3.679	232	369	38,5	0,4	37,7	39,3
11	3.078	187	573	36,2	0,4	35,4	37,0
12	2.318	138	345	34,0	0,4	33,2	34,9
13	1.835	110	255	32,0	0,5	31,1	32,9
14	1.470	82	317	30,2	0,5	29,3	31,1
15	1.071	42	225	29,0	0,5	28,1	30,0
16	804	35	343	27,8	0,5	26,8	28,8
17	426	37	217	25,4	0,6	24,2	26,5
18	172	10	162	23,9	0,7	22,5	25,3

Fonte: Cálculos próprios, com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS, de acordo com as definições do "Manual of Business Demography Statistics", Eurostat/OCDE (2007).

Se a análise for realizada por ano de nascimento das empresas (Quadro 10) é possível verificar que o ano de nascimento de uma empresa influencia a sua performance nos primeiros anos de vida. Os anos de 1988, 1992 ou 1999 parecem ter sido particularmente adversos para as empresas criadas nesses anos. A probabilidade de sobrevivência, após um ano de vida, é mais reduzida nestes anos. Anos que próximos de períodos de recessão económica, como 1992, fazem com que as empresas criadas nesse período, apresentem também dificuldades acrescidas de sobrevivência nos períodos seguintes, quando comparadas com empresas da mesma idade criadas noutros períodos. A situação inversa ocorre em 2000 e 2001, anos mais favoráveis ao desenvolvimento da atividade empresarial das empresas localizadas no Algarve. Observa-se que termos medianos, 50% das empresas morre entre os 5 e os 6 anos salientando-se o ano de 1993, como um ano em que uma mais elevada proporção de empresas (50%) sobrevive 8 anos, ou seja, até 2001. O ano de 1993 registou um crescimento económico negativo, sendo foi ano de quebra na taxa de criação de empresas, derivado da situação económica. É natural que as empresas, que em menor número, forma criadas nessas contingências, se tenham sabido fortalecer, de forma a poder subsistir num ambiente mais adverso, mostrando notórias capacidades acrescidas de sobrevivência em anos seguintes.

Quadro 10: Probabilidade de sobrevivência das empresas no Algarve, por ano de nascimento (%)

Anos de vida	Ano de nascimento das empresas																	
	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
1	88,6	81,2	85,6	86,8	84,8	80,7	85,3	85,2	83,7	85,2	86,4	83,7	82,8	86,8	89,3	86,9	85,5	85,8
2	75,8	71,2	76,5	74,7	70,9	73,2	78,8	76,3	73,1	73,3	75,0	72,7	72,4	77,7	80,2	76,1	76,2	
3	66,2	64,8	67,4	64,5	63,9	65,4	72,6	69,7	64,3	64,5	65,8	65,7	64,2	70,4	73,1	68,9		
4	60,3	57,8	58,7	59,6	58,7	58,8	66,5	63,4	57,5	57,2	60,1	58,5	57,7	63,7	67,1			
5	54,0	50,8	54,7	55,6	54,6	54,3	61,5	57,4	51,0	50,3	55,4	54,5	52,9	57,5				
6	49,3	47,0	51,4	51,7	49,5	49,3	57,3	51,3	46,3	46,0	50,8	49,8	48,4					
7	45,3	44,3	47,4	47,9	46,5	44,5	52,7	46,5	42,6	44,1	46,8	45,5						
8	43,2	41,4	45,5	44,0	43,4	40,9	49,4	43,6	39,6	41,2	44,2							
9	39,5	38,7	43,0	41,3	40,2	37,6	46,9	40,6	36,5	37,6								
10	37,7	36,4	40,8	38,5	37,7	34,7	43,8	38,1	33,8									
11	35,9	34,2	37,8	34,5	36,4	33,3	42,1	35,4										
12	33,8	31,7	35,6	32,3	34,4	31,9	39,2											
13	31,5	29,5	34,0	30,0	32,8	29,6												
14	30,0	28,0	32,2	28,2	30,8													
15	29,7	27,0	30,8	26,6														
16	28,7	25,8	29,3															
17	25,8	23,8																
18	24,3																	

Fonte: Cálculos próprios, com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS, de acordo com as definições do "Manual of Business Demography Statistics", Eurostat/OCDE (2007).

Comparando as taxas de sobrevivência empresarial no Algarve com as taxas de sobrevivência empresarial nas restantes NUTs II portuguesas (Norte, Centro, Lisboa, Alentejo, Madeira e Açores), visíveis na Quadro 11, é possível completar a análise regional comparada de sobrevivência de empresas empregadoras. A performance agregada de sobrevivência das empresas na região do Algarve não aparenta ser tão problemática como a de outras regiões, nomeadamente a região Norte, que sofre de problemas específicos ligados às características do seu tecido empresarial e à maior predominância de atividade industrial (Sarmiento & Nunes (2011)). É no entanto mais débil que a região que revela melhor capacidade de sobrevivência, a região Centro. Outros estudos proporcionam ainda para outras motivações para estas discrepâncias. Strotmann (2007), por exemplo, fornece evidência que o risco de morte em empresas industriais nascidas em áreas densamente povoadas é superior ao risco de morte de empresas localizadas em áreas mais rurais.

Quadro 11: Probabilidade de sobrevivência das empresas, por NUT II (%)

Anos de vida	NUT II						
	Norte	Algarve	Centro	Lisboa	Alentejo	Açores	Madeira
1	85,6	85,6	87,4	85,5	85,8	85,1	86,1
2	75,1	75,5	77,7	75,1	75,5	74,2	76,0
3	66,5	67,7	70,1	67,0	67,0	67,0	68,3
4	59,8	61,2	64,0	60,5	60,4	59,9	61,3
5	54,1	55,8	58,9	55,0	54,9	54,5	56,2
6	49,4	51,1	54,5	50,4	50,7	50,5	51,6
7	45,3	47,2	50,7	46,6	46,9	46,7	47,5
8	41,7	44,2	47,5	43,2	43,4	43,7	44,6
9	38,7	41,1	44,5	40,2	40,5	41,2	41,7
10	35,8	38,5	41,9	37,6	37,7	38,9	38,6
11	33,0	36,2	39,5	35,1	35,2	36,3	36,6
12	30,5	34,0	37,4	32,8	33,0	33,9	34,3
13	28,1	32,0	35,3	30,8	31,0	31,3	31,7
14	26,4	30,2	33,4	29,0	29,3	29,4	29,9
15	24,8	29,0	31,8	27,4	27,8	28,2	28,2
16	23,2	27,8	30,4	26,1	26,2	26,4	26,9
17	21,9	25,4	28,9	24,6	24,9	25,4	26,6
18	20,7	23,9	27,4	22,9	23,2	23,8	25,4

Fonte: Cálculos próprios, com base nos Quadros de Pessoal, GEP, MTSS, de acordo com as definições do "Manual of Business Demography Statistics", Eurostat/OCDE (2007).

4. Conclusões

A distribuição da criação de empresas apresenta desigualdades significativas a nível regional. Enquanto o Norte é responsável pelo maior número de novas empresas, o Algarve é, a partir de 2000, a região com a maior taxa de criação de empresas empregadoras do país. Também é a região com o mais elevado crescimento da população de empresas no período considerado. Desde 1998, a densidade empresarial tem vindo a crescer sustentadamente, dado o ritmo de crescimento de empresarial ser superior ao da população da região.

Em 2007, 67,7% das empresas empregavam menos de 20 trabalhadores, o que corresponde a 58,4% do emprego na região. O peso substancial das pequenas e médias empresas, que é o mais elevado do país é a principal causa da elevada volatilidade empresarial da região.

Mas a análise do tecido empresarial algarvio que implica considerar não apenas de quantidade, mas a qualidade do crescimento empresarial. A nível da geração de empresas de elevado crescimento, o Algarve revela-se ter perdido qualidades ao longo dos anos, em fomentar ou atrair empresas capazes de gerar a um crescimento mais acelerado. Apesar do aumento do número destas empresas e dos seus trabalhadores, a região perde relevância no contexto nacional. Em 1990, o emprego nas empresas de elevado crescimento correspondia a 12,1% do emprego na região, sendo o mais elevado de todas as regiões portuguesas, mas sofreu a maior quebra regional, para cerca de metade em 17 anos. A dimensão média

empresarial cai substancialmente na região, afetando também empresas gazelas, que em 15 anos perdem em média 17 trabalhadores, e as empresas de elevado crescimento, que perdem 11 trabalhadores em 17 anos.

No Algarve, 50% das empresas morre entre os 5 e os 6 anos e vida, em linha com a média nacional de sobrevivência empresarial. Após 18 anos, apenas 24% das empresas se mantêm em atividade. A performance comparativa de sobrevivência das empresas algarvias, não sendo tão boa como a da região Centro, não apresenta os problemas de outras regiões, mais afetadas por reestruturações ligadas ao setor industrial.

Referências bibliográficas

- Acs, Z. & Storey, D. J. (2004). Introduction: Entrepreneurship and Economic Development. *Regional Studies*, 38(8), 871–877.
- Ahmad, N. & Seymour, R. G. (2008). Defining Entrepreneurial Activity: Definitions Supporting Frameworks for Data Collection. *OECD Statistics Working Papers, 2008/01*, OECD Publishing.
- Ahmad, N. (2006). A Proposed Framework For business Demography Statistics. *OECD Statistics Working Papers, 2006/03*, OECD Publishing.
- Armington, C. & Acs, Z. J. (2002). The determinants of regional variation in new firm formation, *Regional Studies*, 36 (1), 33–45.
- Audretsch, D. B. (2007). Entrepreneurship capital and economic growth. *Oxford Review of Economic Policy*, 23(1), 63–78.
- Audretsch, D. B., Bönteb, W. & Keilbach, M. (2008). Entrepreneurship capital and its impact on knowledge diffusion and economic performance. *Journal of Business Venturing*, 23(6), 687–698.
- Batista, R. & Preto, M. T. (2011). New firm formation and employment growth: regional and business dynamics. *Small Business Economics*, 36(4), 419-442.
- Batista, R. & Mendonça, J. (2010). Proximity to knowledge sources and the location of knowledge-based start-ups. *The Annals of Regional Science*, 45(1), 5-29.
- Batista, R., Escária, V. & Madruga, P. (2008). Entrepreneurship, regional development and job creation: the case of Portugal. *Small Business Economics*, 30(1), 49-58.
- Birch, D. L. (1979). *The job generation process*. MIT Program on Neighborhood and regional change, MIT: Cambridge, MA.
- Brixy, U. & Grotz, R., (2007). Regional patterns and determinants of birth and survival of new firms in Western Germany, *Entrepreneurship & Regional Development: An International Journal*, 19 (4), 293-312.
- Cabral, L. (2007). Small firms in Portugal: A selective Survey of Stylized Facts, Economic Analysis and Policy Implementation. *Portuguese Economic Journal*, 6(1), 65-88.
- Cabral, L. & Mata, J. (2003). On the Evolution of the Firm Size Distribution: Facts and Theory. *The American Economic Review*, 93 (4), 1075 - 1090.
- Carree, M. A., Verheul, I. & Santarelli, E. (2011). Sectoral Patterns of Firm Exit in Italian Provinces. *Journal of Evolutionary Economics*, 21 (3), 499-517.
- Couto, J., Vieira, J., Tiago, T. & Natário, M. M. S. (2004). "Competitiveness of Portuguese Regions: A Comparative Analysis." ERSA conference papers ersa04p607. European Regional Science Association.
- Cleves, M. A., Gould, W. W. & Gutierrez, R. G. (2004). *An Introduction to Survival Analysis Using Stata*. Stata Press: Texas.
- Eurostat/OCDE (2007). *Eurostat – OECD Manual on Business Demography Statistics*.
- Geroski, P. A., Mata, J. & Portugal, P. (2010). Founding Conditions and the Survival of New Firms. *Strategic Management Journal*, 31 (5), 510-529.
- Henrekson, M. & Johansson, D. (2010). Gazelles as job creators: a survey and interpretation of the evidence. *Small Business Economics*, 35 (2), 227-244.

- Kibler, E. (2012). Formation of entrepreneurial intentions in a regional context. *Entrepreneurship & Regional Development: An International Journal*, 1-31. DOI:10.1080/08985626.2012.721008.
- Malecki, E. J. (2009). Geographical environments for entrepreneurship. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business*, 7(2), 175–190.
- Manjón-Antolín, M. C. & Arauzo-Carod, J.-M. (2008). Firm Survival: Methods and Evidence. *Empirica*, 35 (1), 1-24.
- Mata, J. (1993). Entry and type of entrant: evidence from Portugal. *International Journal of Industrial Organization*, 11(1), 101-122.
- Mata, J. & Portugal, P. (1994). Life Duration of New Firms. *The Journal of Industrial Economics*, 42 (3), 227-245.
- Mata, J., Portugal, P. & Guimarães, P. (1995). The survival of new plants: Start-up conditions and post-entry evolution. *International Journal of Industrial Organization*, 13, 459-481.
- Naudé, W. A., Gries, T., Wood, E. & Meintjes, A. (2008). Regional determinants of entrepreneurial start-ups in a developing country. *Entrepreneurship and Regional Development*, 20(2): 111–124.
- Nunes, A. & Sarmiento, E. M. (2012). Business Demography Dynamics in Portugal: a Non-Parametric Survival Analysis. In Bonnet, J., Dejardin, M. & Madrid-Guijarro, A. (Eds), *The Shift to the Entrepreneurial Society: a Built Economy in Education, Sustainability and Regulation*, (Chapter 18: 260-272), Edward Elgar Publishing.
- Nunes, A. & Sarmiento, E. M. (2010). Business Survival in Portuguese Regions. *GEMF Working Papers*, 22/2010, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra: Portugal.
- Nyström, K. (2007). An industry disaggregated analysis of the determinants of regional entry and exit. *The Annals of Regional Science*, 41(4), 877-896.
- OECD (2009). *Measuring Entrepreneurship. A Collection of Indicators 2009 Edition*. OECD Statistics Directorate.
- OECD (2008). *Measuring Entrepreneurship: A Digest of Indicators*. OECD Statistics Directorate
- Santarelli, E. & Vivarelli, M. (2007). Entrepreneurship and the process of firms' entry, survival and growth. *Industrial and Corporate Change*, 16 (3), 455–488.
- Sarmiento, E. M. & Nunes, A. (2012a). Employer enterprises in Portugal: Size Distribution Dynamics. In Bonnet, J. Dejardin, M. & Madrid-Guijarro, A. (Eds), *The Shift to the Entrepreneurial Society: a Built Economy in Education, Sustainability and Regulation*, (Chapter 17: 242-259), Edward Elgar Publishing.
- Sarmiento, E. de Morais e A. Nunes (2012b), "Criação de empresas em Portugal e Espanha no período 2000-2007: análise comparativa com base no World Bank Global Entrepreneurship Survey (WBGES)", *Tourism & Management Studies*, 8.
- Sarmiento, E. M. & Nunes, A. (2011). Análise Comparativa de Sobrevivência Empresarial: O Caso da Região Norte de Portugal. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, 25/26, 77-93.
- Sarmiento, E. M. & Nunes, A. (2010). Entrepreneurship performance indicators for active employer enterprises in Portugal, *Temas Económicos*, nº9, Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento.
- Sternberg, R. (2012). Do EU Regional Policies Favour Regional Entrepreneurship? Empirical Evidence from Spain and Germany. *European Planning Studies*, 20 (4), 583-608.
- Sternberg, R. (2009). Regional dimensions of entrepreneurship. *Foundations and Trends in Entrepreneurship*, 5 (4), 211–340.
- Schumpeter, J. A. (1934). *The Theory of Economic Development*. Harvard University Press: Cambridge.
- Strotmann, H. (2007). Entrepreneurial Survival. *Small Business Economics*, 28 (1), 87-104.
- Trettin, L. & Welter, F., (2011). Challenges for spatially oriented entrepreneurship research, *Entrepreneurship & Regional Development: An International Journal*, 23 (7-8), 575-602.

ANEXO I

	Classe de dimensão	Nascimentos de Empresas		Mortes de Empresas		Empresas activas	
		Algarve	Portugal	Algarve	Portugal	Algarve	Portugal
1985	1-4			337	8.685	1.626	50.886
	5-9			104	2.176	767	23.671
	10-19			50	942	394	13.409
	20-49			16	471	194	8.650
	50-250			4	173	90	4.538
	+250			1	24	10	877
	Total			512	12.471	3.081	102.031
1986	1-4			372	9.436	1.745	53.851
	5-9			100	2.299	830	24.861
	10-19			42	1.087	385	13.780
	20-49			18	515	202	8.805
	50-250			4	182	98	4.586
	+250				16	9	858
	Total			536	13.535	3.269	106.741
1987	1-4	686	13.626	350	8.421	1.971	55.970
	5-9	167	3.385	92	1.993	922	25.944
	10-19	64	1.331	44	875	449	14.172
	20-49	18	598	9	460	200	9.180
	50-250	5	156		143	107	4.718
	+250		6	1	19	8	858
	Total	940	19.102	496	11.911	3.657	110.842
1988	1-4	877	17.065	409	10.033	2.381	62.914
	5-9	246	4.150	111	2.362	1.102	28.586
	10-19	93	1.655	42	1.043	507	15.583
	20-49	28	744	17	459	219	9.834
	50-250	10	180	7	151	133	5.007
	+250	1	25	1	15	11	830
	Total	1.255	23.819	587	14.063	4.353	122.754
1989	1-4	1.289	19.905	729	13.023	3.235	71.735
	5-9	280	4.814	180	3.164	1.349	31.641
	10-19	85	1.816	59	1.309	582	16.840
	20-49	29	775	16	606	245	10.667
	50-250	7	211	6	192	139	5.342
	+250		19		17	7	908
	Total	1.690	27.540	990	18.311	5.557	137.133
1990	1-4	964	16.872	611	11.918	3.328	73.273
	5-9	241	4.078	149	2.796	1.385	32.286
	10-19	76	1.695	49	1.227	595	17.237
	20-49	15	697	19	583	237	11.017
	50-250	4	188	7	206	145	5.570
	+250		17		23	10	910
	Total	1.300	23.547	835	16.753	5.700	140.293
1991	1-4	1.141	19.036	693	12.208	3.857	79.096
	5-9	239	4.256	148	2.811	1.473	33.779
	10-19	71	1.528	47	1.160	622	17.810
	20-49	18	650	14	588	260	11.263
	50-250	5	223	5	247	141	5.705
	+250	1	36		26	10	925
	Total	1.475	25.729	907	17.040	6.363	148.578
1992	1-4	1.118	19.999	793	13.028	4.330	86.380
	5-9	227	4.304	149	2.828	1.583	35.729
	10-19	72	1.568	45	1.251	644	18.690
	20-49	16	659	10	728	263	11.711
	50-250	7	226	7	284	149	5.774
	+250		17		19	10	891
	Total	1.440	26.773	1.005	18.138	6.979	159.175
1993	1-4	1.152	20.450	988	18.211	4.656	92.135
	5-9	208	3.974	163	3.751	1.576	36.927
	10-19	60	1.546	67	1.848	639	18.892
	20-49	10	647	23	984	268	11.491
	50-250	7	198	13	400	145	5.585
	+250		7		35	9	830
	Total	1.437	26.822	1.254	25.229	7.293	165.860
1994	1-4	1.989	32.174	934	16.550	5.624	106.955
	5-9	335	6.238	127	2.870	1.800	40.156
	10-19	102	2.237	48	1.199	704	19.534
	20-49	29	986	18	615	289	11.562
	50-250	15	312	6	183	131	5.287
	+250	2	49		18	10	803
	Total	2.472	41.996	1.133	21.435	8.558	184.297
1995	1-4	1.350	24.232	915	16.691	6.027	114.284
	5-9	177	3.806	101	2.673	1.834	40.872
	10-19	48	1.232	32	1.155	678	19.564
	20-49	13	535	18	553	310	11.339
	50-250	8	158	6	208	135	5.372
	+250		11		22	10	811
	Total	1.596	29.974	1.072	21.302	8.994	192.242

14.º WORKSHOP APDR | EMPREENDEDORISMO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
 5 de Outubro de 2012 | ESCE - Instituto Politécnico de Setúbal

	Classe de dimensão	Nascimentos de Empresas		Mortes de Empresas		Empresas activas	
		Algarve	Portugal	Algarve	Portugal	Algarve	Portugal
1996	1-4	1.398	24.249	954	16.623	6.426	118.815
	5-9	202	3.893	109	2.558	1.996	41.885
	10-19	56	1.254	36	953	724	19.563
	20-49	15	515	10	545	296	11.250
	50-250	4	162	8	180	139	5.251
	+250		12		18	9	782
	Total	1.675	30.085	1.117	20.877	9.590	197.546
1997	1-4	1.647	28.288	1.054	18.081	7.015	129.473
	5-9	206	4.446	127	2.743	2.106	44.917
	10-19	50	1.405	39	997	773	20.946
	20-49	15	632	15	532	309	11.918
	50-250	11	179	9	213	148	5.539
	+250		13		22	9	789
	Total	1.929	34.963	1.244	22.588	10.360	213.582
1998	1-4	1.637	30.717	1.124	19.104	7.425	140.128
	5-9	207	4.588	137	2.594	2.226	47.613
	10-19	51	1.446	45	1.019	831	22.051
	20-49	15	605	9	507	337	12.498
	50-250	9	184	5	188	156	5.720
	+250		26		16	10	806
	Total	1.919	37.566	1.320	23.428	10.985	228.816
1999	1-4	1.724	31.757	1.259	22.520	7.860	149.921
	5-9	235	4.738	155	3.312	2.396	50.745
	10-19	55	1.543	53	1.220	934	23.702
	20-49	23	629	15	564	375	13.119
	50-250	9	195	4	221	170	5.911
	+250		22		32	13	840
	Total	2.046	38.884	1.486	27.869	11.748	244.238
2000	1-4	2.555	43.812	1.561	29.825	8.931	168.588
	5-9	281	5.751	184	4.989	2.622	54.217
	10-19	69	1.799	41	1.825	994	25.131
	20-49	26	726	23	722	421	13.827
	50-250	6	236	4	255	180	6.089
	+250		22		25	11	837
	Total	2.937	52.346	1.813	37.641	13.159	268.689
2001	1-4	2.803	42.141	1.590	30.320	9.782	177.027
	5-9	454	8.093	200	4.627	2.986	57.830
	10-19	146	2.808	72	1.615	1.238	27.200
	20-49	35	936	22	710	510	14.648
	50-250	7	224	20	374	206	6.399
	+250		27		37	12	898
	Total	3.445	54.229	1.904	37.683	14.734	284.002
2002	1-4	2.830	44.808	1.614	29.220	10.850	189.648
	5-9	404	6.888	196	3.770	3.258	60.494
	10-19	116	2.069	52	1.439	1.326	28.017
	20-49	27	714	25	719	567	14.922
	50-250	6	193	1	206	172	5.879
	+250		30		24	14	828
	Total	3.383	54.702	1.888	35.378	16.187	299.788
2003	1-4	2.137	34.780	1.606	27.726	11.399	196.986
	5-9	223	4.411	153	3.139	3.210	60.484
	10-19	70	1.454	38	1.138	1.354	27.731
	20-49	24	582	12	546	560	14.335
	50-250	4	218	2	207	189	6.178
	+250		26		18	16	847
	Total	2.460	41.471	1.812	32.774	16.728	306.561
2004	1-4	2.123	33.935	1.748	27.404	11.922	203.642
	5-9	246	3.909	147	2.965	3.405	60.226
	10-19	76	1.207	60	1.032	1.349	27.093
	20-49	19	562	16	500	606	14.713
	50-250	10	222	2	176	205	6.380
	+250		30		16	13	884
	Total	2.475	39.865	1.974	32.093	17.500	312.938
2005	1-4	2.676	46.284	1.856	32.559	13.010	226.362
	5-9	356	5.208	208	3.447	3.577	62.590
	10-19	110	1.953	60	1.299	1.443	28.591
	20-49	50	1.037	20	578	639	15.649
	50-250	11	349	4	177	221	6.639
	+250		34		22	16	944
	Total	3.203	54.865	2.148	38.082	18.906	340.775
2006	1-4	2.526	37.784			13.633	230.318
	5-9	262	3.998			3.554	61.776
	10-19	76	1.379			1.474	28.359
	20-49	34	625			676	15.872
	50-250	11	182			224	6.756
	+250		12			19	940
	Total	2.910	43.980			19.580	344.021
2007	1-4	2.778	38.748			14.382	238.304
	5-9	251	3.795			3.684	62.846
	10-19	84	1.277			1.630	29.281
	20-49	38	616			741	16.539
	50-250	7	153			254	6.988
	+250		22			20	962
	Total	3.159	44.611			20.711	354.920